

UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

LANA FÁTIMA NADAL

LITERATURA INFANTIL:
A TRANSIÇÃO DO QUINTO ANO PARA O SEXTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

ERECHIM

2022

LANA FÁTIMA NADAL

LITERATURA INFANTIL:

A TRANSIÇÃO DO QUINTO ANO PARA O SEXTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção de grau de Licenciada no curso de Pedagogia - Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS.

Orientador: Prof. Dr. Roberto Carlos Ribeiro

ERECHIM

2022

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Nadal, Lana Fatima

LITERATURA INFANTIL:: A TRANSIÇÃO DO QUINTO ANO PARA
O SEXTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL / Lana Fatima Nadal.

-- 2022.

51 f.

Orientador: Dr. Roberto Carlos Ribeiro

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Licenciatura em Pedagogia, , 2022.

1. Literatura. Transição escolar. Educação. Ensino
fundamental.. I. Ribeiro, Roberto Carlos, orient. II.
Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

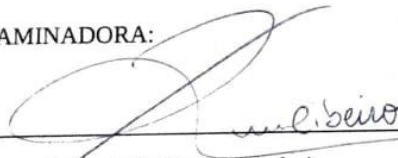
LANA FÁTIMA NADAL

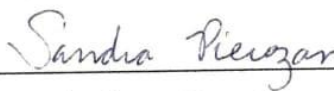
**LITERATURA INFANTIL: A TRANSIÇÃO DO QUINTO ANO PARA O SEXTO
ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL**

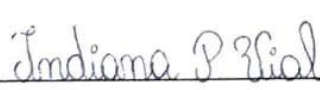
Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como
requisito para obtenção de grau de Licenciada no curso Pedagogia
– Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul – UFFS.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca no dia
08/04/2022.

BANCA EXAMINADORA:


Prof. Dr. Roberto Carlos Ribeiro (orientador)


Profª. Dra. Sandra Simone Hopner Pierozan (UFFS)


Profª. Mestra Indiana Pícolo Vial (membro externo)

Dedico este trabalho ao meu avô, que não teve sequer a oportunidade de poder tentar se
alfabetizar.

Que nunca percamos a fé na vida e em tudo o que nos põe em pé.

AGRADECIMENTOS

Houve um tempo em que estudar não fazia parte dos meus planos. Muita coisa não fazia. Estar escrevendo esses agradecimentos após quase concluir a graduação foi um processo de reflexão sobre toda a trajetória até aqui.

Em um final de tarde cheguei ao terreiro¹, sem muitas expectativas e com quase nenhum propósito sobre a vida, após uma consulta com uma entidade do terreiro parei para pensar nos apontamentos feitos por ele. Tudo o que Joãozinho me disse naquele dia era pra estudar, em como seria importante para minha caminhada, em como tudo isso seria gratificante a cada passo que eu daria, e então decidi seguir o conselho daquela criança que tanto tinha a me ensinar.

Muitas vezes duvidei que conseguiria chegar até aqui, incontáveis vezes chorei querendo desistir. Mas quem tanto me incentivou também estava ali para me sustentar e me manter em pé diante das dificuldades que encontrei no caminho.

A fé em Deus e nos Orixás que regem a minha vida terrena me mostraram que tudo posso, que desistir não está em nenhum propósito destinado a mim, por isso o maior agradecimento é a Eles, que mesmo conhecendo a mim com todas as falhas me colocaram em pé sobre todas as batalhas da vida.

Agradeço à minha mãe Angela, por ter me ensinado a ser forte, por ser um exemplo de mulher, por me ensinar a amar incondicionalmente, por todo incentivo e confiança em mim, sem você nem imagino o que seria de mim. Agradeço ao meu pai Jair, pela vida, pelos ensinamentos, por toda dedicação e cuidado comigo, por me ensinar a ir em busca dos meus objetivos e sempre estar ao meu lado.

A minha irmã Mayara que foi, e é, tudo o que eu precisava, sendo inclusive vítima das minhas primeiras experiências pedagógicas, ela sobreviveu inclusive, e hoje luto para torná-la leitora também. Aos meus amigos que cansaram de ouvir sobre este trabalho e mesmo assim ainda estavam dispostos a ouvir até que fosse finalizado, sem desistir de mim.

Agradeço a vida por colocar em meu caminho um quarteto universitário como tive, juntas seguimos até aqui, superamos, nos demos as mãos, sorrimos e choramos, e se o que realmente é válido é o processo e não apenas o resultado, posso dizer que meu processo foi lindo, graças às pessoas que estavam comigo.

Às meninas superpoderosas, a vida me presenteou com um trio fantástico, do trabalho para as tardes de domingo, e exatamente como elas cada uma de nós sabe o que é necessário umas

¹ Casa religiosa de culto africano.

para as outras, pontos fortes e fracos, e na troca de experiências crescemos, em todos os sentidos. Obrigada.

Agradeço a todos que me incentivaram a chegar até aqui. A quem me ajudou a encontrar livros e textos, me ouviu e tentou encontrar comigo um fundamento sobre uma mente inquieta, descobrindo uma maneira de me fazer compreender o que eu não encontrava palavras para descrever.

Agradeço a Estela, minha mãe de santo e a mãe que Deus me permitiu escolher. Através de seu amor e ensinamentos, sua compreensão e acolhimento, cresci e aprendi novas formas de ver e viver a vida. Agradeço a ela por colocar tantas pessoas maravilhosas na minha vida, não preciso descrever aqui o nome de todos, apenas a agradeço a família que formamos, família que está sempre perto, para tudo, uma família que escolhi e que me fortalece.

Agradeço a quem duvidou e criticou minha escolha. Isso me fez mais forte e me ajudou a manter-me no caminho do meu propósito.

Agradeço ao meu orientador Prof. Dr.º Roberto, que aceitou fazer parte desse processo essencial para minha caminhada. Sempre nos inspiramos em alguém, e que bom que esse alguém estava aqui, caminhando junto ao longo desta escrita. Algumas aulas não apenas nos ensinam, mas nos motivam, e que aulas! Você, professor, não me abriu apenas portas, abriu janelas, tetos solares e um mundo sobre literatura que antes eu não fazia ideia de ser tão vasto e bonito.

Agradeço a cada professor que fez parte da minha caminhada. Comigo, levo um pouco de cada um. A qualidade, o amor e a forma como sempre trabalharam conteúdos em sala me demonstraram que o óbvio também precisa ser dito, e que começando por ele a educação sempre será insubstituível.

Agradeço a mim, e em como vi num livro por aí, agradeço as vozes da minha cabeça, que apesar de todo vendaval que vive conosco, às vezes transformamo-nos em leves brisas, capazes de escrever todo esse trabalho.

[...] Para que serve a literatura, então? Para nos tornar mais humanos e civilizados, para resgatar o sonho, a magia, pois que a vida sem magia é deserto árido, difícil de ser enfrentado. Por isso, os que vieram antes de nós nos legaram valioso patrimônio da literatura. Não deixemos pois, que a ausência do livro destrua, na infância, os homens e as mulheres de amanhã. Caso isso aconteça teremos de enfrentar um novo monstro, mais perigoso que os do mar de Ulisses. O monstro da nossa própria desumanização.

Ana A. Arguelho de Souza
Literatura Infantil na escola: a leitura em sala de aula

RESUMO

O presente trabalho tem como tema a literatura na transição das crianças do quinto ano do ensino fundamental para o sexto ano. Para a realização da pesquisa foram consultados livros e artigos, os quais fundamentaram a parte teórica, tratando os principais pontos da literatura, sua origem e como passou a ser difundida no mundo, a transição escolar do quinto para o sexto ano do estudante, apontando mudanças psicológicas e seu desenvolvimento no mundo literário, a importância dos livros e bibliotecas para a formação de leitores, e, normativas governamentais que trabalham a literatura nas instituições escolares, em específico a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Referencial Curricular Gaúcho RCG). A pesquisa de campo tratou-se de uma entrevista com nove crianças do sexto ano do fundamental, de uma escola pública do município de Erechim, em fevereiro de 2022. Os principais autores que embasaram essa pesquisa foram Ligia Cademartori (2010), Regina Zilberman (1998), Nelly Novaes Coelho (1991), Ana Carolina Carvalho (2018), Josca Ailine Baroukh (2018) e Ana A. Arguelho de Souza (2010). Os resultados da pesquisa culminaram em quatro categorias, a primeira sendo a “Literatura ideal: concepções dos estudantes”, que aborda as visões dos estudantes sobre as aulas de literatura e as metodologias escolares que a tornam interessante. Seguindo com, “Entre livros e prateleiras: a importância da biblioteca” que traz uma análise sobre a como a biblioteca é necessária para a formação e concepção de leitores. A terceira categoria, “Gêneros literários e as crianças” trazem os principais gêneros lidos pelas crianças e o que a escola propõe como leitura. A quarta e última categoria intitulada “Mudanças estruturais na escola: enfrentando o novo”, que aborda como as crianças sentem essa transição de um ano escolar para outro. Concluiu-se que, a transição escolar é um momento sensível para as crianças, quando precisam de uma maior atenção e compreensão por parte dos adultos. A literatura, neste sentido, entra como suporte para o professor explorar essa fase, pois oportuniza a essas crianças o conhecimento de diversos gêneros literários, para que então possam se reconhecer em suas preferências, e assim, consolidarem-se leitores.

Palavras-chave: Educação; Literatura; Transição escolar; Ensino Fundamental.

ABSTRACT

The present work has as its theme the children transition from the fifth year of elementary school to the sixth year, whose main objective is to understand the importance of children's literature in the transition from elementary level I to II. To carry out the research, books and articles were consulted, which based the theoretical part, dealing with the main literature points, its origin and how it started to be disseminated in the world, the school transition from the fifth to the sixth year of the student, pointing out changes psychological problems and their development in the literary world, the importance of books and libraries for readers' formation, and government regulations that work with literature in school institutions, specifically the National Common Curricular Base and the Gaúcho Curricular Reference. The research area was an interview with nine children from the sixth grade of elementary school, from a public school in Erechim county, in February 2022. The main authors who supported this research were Ligia Cademartori (2010), Regina Zilberman (1998), Nelly Novaes Coelho (1991), Ana Carolina Carvalho (2018), Josca Ailine Baroukh (2018) and Ana A. Arguelho de Souza (2010). The research results culminated in four categories, the first being "Ideal Literature: Students' conceptions", which addresses students' views on literature classes and the school methodologies that make it interesting. Following with, "Between books and shelves: the library importance" which brings an analysis of how the library is necessary for formation and readers conceptions. The third category, "Literary Genres and Children" brings the main genres read by children and what the school proposes as reading. The fourth and final category entitled "Structural Changes in School: Facing the New", which addresses how children feel this transition from one school year to another. It was concluded that the school transition is a sensitive time for children, when they need greater attention and understanding from adults. Literature, in this sense, comes in as a support for the teacher to explore this phase, as it gives these children the opportunity to learn about different literary genres, so that they can recognize themselves in their preferences, and thus, consolidate themselves as readers.

Key-words: Education; Literature; School Transition; Elementary School.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
UFFS	Universidade Federal da Fronteira Sul
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
RCG	Referencial Curricular Gaúcho
TCLE	Termo de Consentimento Livre Esclarecido

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 O SURGIMENTO DO “ERA UMA VEZ...”	16
3 A LITERATURA NA ESCOLA	20
3.1. NORMATIVAS EDUCACIONAIS.....	22
4 O ESTUDANTE E A LITERATURA	27
5 DISCUSSÃO E RESULTADOS.....	30
5.1 A LITERATURA IDEAL: CONCEPÇÕES DOS ESTUDANTES	31
5.2 ENTRE PRATELEIRAS E LIVROS, A IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTECA.....	35
5.3 OS GÊNEROS LITERÁRIOS E AS CRIANÇAS	38
5.4 MUDANÇAS ESTRUTURAIS NA ESCOLA: ENFRENTANDO O NOVO.....	41
6 CONCLUSÃO.....	45
REFERÊNCIAS.....	48

1 INTRODUÇÃO

A literatura é essencial para o desenvolvimento cognitivo. O tema deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) surgiu no componente curricular de literatura infantojuvenil que oportunizou reflexões sobre a literatura e em sua aplicação na sala de aula. O presente trabalho tem como principal objetivo investigar como a literatura é recebida pelas crianças de 9 a 12 anos, que estão na transição do 5º para o 6º ano do Ensino Fundamental com relação aos livros e conexões entre disciplinas que propiciam aos estudantes conhecimentos a respeito do mundo que os cerca.

As crianças, muitas vezes, perdem a autonomia em encontrar livros que, de fato, os agradem pelo histórico de atividades que norteiam cada leitura. Perde-se, não apenas o interesse pelos livros, mas pela espontaneidade dentro da sala de aula em expressar-se. A pesquisa deu voz aos principais protagonistas da educação, as crianças da faixa etária em questão, por meio de um diálogo coletivo realizado em sala de aula, que teve como principal objeto compreender o pensamento das crianças sobre o tema literatura e, assim, como investigar de que maneira esta se faz presente no cotidiano.

É por meio da leitura e leitura literária que criam-se conexões entre saberes, o vocabulário torna-se amplo e potente, reflexões são instigadas do texto lido e a realidade que cerca o leitor. É por intermédio da literatura que fundamentos, concepções e ideias surgem e se solidificam. Ler é compreender, questionar e argumentar. Estimular a leitura é engrandecer o conhecimento, é também,

[...] o estímulo ao pensamento criativo, lógico e crítico, por meio da construção e do fortalecimento da capacidade de fazer perguntas e de avaliar respostas, de argumentar, de interagir com diversas produções culturais, de fazer uso de tecnologias de informação e comunicação, possibilita aos alunos ampliar sua compreensão de si mesmos, do mundo natural e social, das relações dos seres humanos entre si e com a natureza (BRASIL, 2017, p. 58).

A transição do Ensino Fundamental I para o Ensino Fundamental II não se refere apenas à troca do 5º ano para o 6º ano, é a mudança no contexto em que as crianças estão inseridas, é a mudança de professores, de espaços escolares, espaços sociais, mudanças essas que perpassam os espaços escolares. É manter uma linha tênue entre o que já foi vivenciado e compreendido com o novo, com novas concepções de mundo e novos saberes; entretanto, saberes que se complementam, que não ficam avulsos e sem sentido lógico para a criança

envolvida no processo educacional. O processo de continuidade precisa fazer-se presente para dar significado às vivências construídas ao longo da caminhada escolar.

Além desses aspectos relativos à aprendizagem e ao desenvolvimento, na elaboração dos currículos e das propostas pedagógicas devem ainda ser consideradas medidas para assegurar aos alunos um percurso contínuo de aprendizagens entre as duas fases do Ensino Fundamental, de modo a promover uma maior integração entre elas. Afinal, essa transição se caracteriza por mudanças pedagógicas na estrutura educacional, decorrentes principalmente da diferenciação dos componentes curriculares [...]. Realizar as necessárias adaptações e articulações, tanto no 5º quanto no 6º ano, para apoiar os alunos nesse processo de transição, pode evitar ruptura no processo de aprendizagem, garantindo-lhes maiores condições de sucesso (BRASIL, 2017, p. 60).

Considerando as diversas mudanças que vão interferir na trajetória escolar, como Janet Belsky (2010) aponta, além das mudanças físicas ocorrem, concomitantemente, alterações cognitivas. Nesse período, as crianças estão suscetíveis a tantas mudanças que podem passar por momentos de extrema instabilidade e fragilidade.

De acordo com Jean Piaget (2010, p. 29) “[...] Seu caráter geral é a conquista de um novo modo de raciocínio, que não incide exclusivamente sobre os objetos ou as realidades diretamente representáveis, mas também sobre as “hipóteses” [...]”, sendo importante tornar o jovem protagonista no seu contexto social, vivendo e refletindo sobre sua realidade, vontades e percepções, como Manuel Martín Serrano e Olivia Velarde Hermida (2001, p. 59, tradução nossa) apontam,

Em cada momento histórico há correspondências entre as características da juventude e o modo que a sociedade acopla as novas promoções juvenis e sendo de sua organização. E conseqüentemente variam de as tipologias juvenis que se tem por conveniência e que se querem promover pelas instituições que formam a juventude: principalmente, a família, a escola, a comunicação pública. Desta perspectiva, a juventude é uma condição produzida: a que se quer preparar para que a sociedade, em seu conjunto, seja reproduzida. Por conseguinte a juventude será uma experiência existencial vivida de maneiras diferentes, em cada época, por promoções juvenis que são, ao tempo, os sujeitos e os objetos desta identidade geracional.²

A literatura se faz presente para ser explorada de diversas formas, fontes e jeitos, a fim de possibilitar a esses jovens construir e reconstruir suas visões de mundo. A educação

² En cada momento histórico hay correspondencias entre las características de la juventud y el modo que la sociedad acopla a las nuevas promociones juveniles en el seno de su organización. Y conseqüentemente varían las tipologías juveniles que se tienen por convenientes y que se quieren promover por las instituciones que forman a la juventud: principalmente, la familia, la escuela, la comunicación pública. Desde esta perspectiva, la juventud es una condición producida: a la que se quiere preparar para que la sociedad, en su conjunto, sea reproducida. Por consiguiente la juventud será una experiencia existencial vivida de maneras diferentes, en cada época, por las promociones juveniles que son, al tiempo, los sujetos y los objetos de esta identidad generacional (SERRANO; HERMIDA, 2001, p.59).

não pode basear-se na transmissão de conhecimentos, mas sim na assimilação e compreensão de vivências. Piaget (2010, p. 23) aponta que

[...] se deseja, como necessariamente se faz cada vez mais sentir, formar indivíduos capazes de criar e de trazer progresso à sociedade de amanhã, é claro que uma educação ativa verdadeira é superior a uma educação consistente apenas em moldar os assuntos do querer pelo já estabelecido e os do saber pelas verdades simplesmente aceitas.

Compreende-se que é de suma importância que os estudantes dessa faixa etária já tenham dimensão de seu papel e sua voz na sociedade. Tudo o que é vivenciado dentro da escola pode e deve contribuir para além da sua formação escolar, é preciso refletir, questionar, contrapor ideias, debater, ter argumentos e conseguir fundamentá-los a partir das experiências escolares e sociais.

Justamente por ter a sua própria voz, os estudantes foram ouvidos sobre o objeto literatura. Metodologicamente, a pesquisa participante “se insere no conjunto das metodologias denominadas, no campo educacional, de “qualitativas” e, frequentemente de etnográficas” (MARTINS, 1996, p. 269), trata-se de um instrumento em que os entrevistados podem debater com outras pessoas de seu convívio a partir do tema. Dessa forma, os estudantes, além de serem questionados com perguntas pré-determinadas, também poderão ser instigados com novas possibilidades ao longo do diálogo que será iniciado, tornando a pesquisa um debate para compreender a compreensão de cada criança individualmente e coletivamente.

[...] assim, a relação do pesquisador junto ao campo de pesquisa é uma relação de implicação na vida da comunidade/ sociedade pesquisada, o que se traduz, para Brandão, em trabalho político e luta popular. Tal situação, na medida em que o outro se torna um companheiro de um compromisso, leva o pesquisador a repensar tanto sobre os destinos de sua pesquisa como também a respeito de sua posição pessoal (MARTINS, 1996, p. 270).

A pesquisa por diálogo ocorreu em uma escola estadual do município de Erechim, nos primeiros dias do ano letivo de 2022, fazendo-se prevalecer a parte fundamental dessa pesquisa que fundamentou-se na transição do quinto para o sexto ano. A turma tem 30 estudantes que frequentam as aulas no turno da tarde, alguns estudantes já estavam matriculados, outros eram novos na escola e ainda estavam se familiarizando com o ambiente.

A pesquisa teve por objetivo ouvir os estudantes sobre a literatura e as mudanças ocorridas neste período, relatando sobre a escola, o pertencimento, suas observações e concepções, pois, é a partir das vivências cotidianas que se faz o processo educacional ser

válido. Tanto em grupo como individualmente, é importante mostrar a eles o valor de suas histórias para o contexto em que vivem.

Trabalhar junto as pessoas [sic], considerando-as enquanto sujeitos históricos de seus próprios processos ante os desafios do cotidiano escolar, permite-nos constatar que não existe uma única verdade acerca da realidade escolar, mas diferentes aproximações. Tais aproximações, possibilitadas por esse processo interativo (que não é fixo pela própria natureza da história) e pelas condições objetivas que a realidade social nos apresenta, deixa-nos como legado a idéia de que "viver e desenvolver-se implica em transformações contínuas que se realizam através da interação dos indivíduos entre si e entre os indivíduos e o meio no qual se inserem" (LIMA, 1990, p. 19 *apud* MARTINS, 1996, p. 272).

Este trabalho divide-se em seções que trazem primeiramente ‘O surgimento do “Era uma Vez”’, seguindo com “A literatura na escola”, a subseção seguinte do trabalho trará a parte normativa da disciplina dentro da escola, com uma análise a partir da Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e do Referencial Curricular Gaúcho (RCG), intitulada Normativas educacionais. O próximo título será destinado à parte psicológica da transição da infância à pré-adolescência, que afeta diretamente a escola e seu comportamento com o mundo que o cerca, abordando o estudante e a literatura, “O estudante e a literatura”. A partir da compreensão desses fatores, seguirá a pesquisa de campo, seguindo de análise dos dados coletados iniciando em “Discussão e resultados”, quatro subseções darão sequência à análise, iniciando em “A literatura ideal: concepções dos estudantes”, seguindo “Entre prateleiras e livros: a importância da biblioteca”, a terceira subseção é intitulada “Os gêneros literários e as crianças”, abordando “Mudanças estruturais na escola: encarando o novo” e por fim a conclusão como fechamento desta pesquisa.

2 O SURGIMENTO DO “ERA UMA VEZ...”

A literatura que conhecemos hoje é o aperfeiçoamento referente ao passar dos séculos, sobre os escritos e escrituras da sociedade, sua evolução e compreensão tornaram-na essencial para a vida hoje, entretanto, é difícil datá-la e apontar o seu surgimento, sendo que,

Estudiosos de todos os pontos da terra e pertencentes às mais diferentes áreas de pesquisa (Filologia, Lingüística, Folclore, Etnologia, Antropologia, História, Literatura, Pedagogia, etc.) têm tentado descobrir os misteriosos caminhos seguidos por essa Literatura Popular que, vinda de origem dos tempos, chegou até nós. Mas esse fenômeno coloca problemas as mais das vezes insolúveis, tais como: Quando e Como teria sido criada a literatura? Qual teria sido a sua verdadeira forma, no momento em que foi inventada? Por que teria nascido e resistido, através dos tempos tão primitivos, até o momento em que entra para a História, ao transformar sua *fala* em *escritura*? (COELHO, 1991, p. 12, grifo do autor).

Dessa forma, abordarei aqui, uma linha do tempo baseada em algumas referências usadas como aporte teórico para esta pesquisa.

As escrituras em pedras, papiros, pergaminhos, folhas e tabuinhas de argilas foram as primeiras formas de escritas da humanidade que permitem-nos ouvir o que nelas foram escritas (COELHO, 1991) , a palavra e a escrita desde o seu surgimento trazem sua importância à humanidade, visto que é detentora do conhecimento e da história.

A literatura, entretanto, não se faz presente unicamente em textos escritos. Ao longo dos séculos, em sua forma oral, foi possível transpassar diversos conhecimentos, histórias, lendas e cantos de geração em geração, chamada, de acordo com Nelly Novaes Coelho (1991), Literatura Primordial, que define-se na literatura que não está transcrita, mas se faz presente na forma oral. Essas mesmas narrativas são aquelas conhecidas por nós até hoje como contos folclóricos (Saci Pererê, Mula sem Cabeça, Negrinho do Pastoreio). Essas que não dependem da escola para se fazerem presentes na vida de crianças, jovens e adultos, são parte da cultura e da história de cada lugar.

Na idade média surgem dois tipos de narrativas, a popular, em que é realizado o idealismo extremo, enquanto a culta trazia o mundo da magia e das maravilhas, uma sendo completamente o oposto da outra (COELHO, 1991 p. 30). Com a influência da religião, manuscritos e narrativas tomam uma forma moralizante.

Os contos originados na Idade Média trazem o horror a quem lê, visto que foram criados em épocas de grandes guerras e altos índices de violência. Estes temas que tinham como objetivo impor medo e moralizar a sociedade, em sua maioria, trata do abandono de crianças,

mortes, assassinatos, surge o Bicho-papão, o Lobisomem que devoram pessoas e crianças; diabos e ogros também se fazem presentes nas histórias (COELHO, 1991).

[...] Com a força da religião, como instrumento civilizador, é de se compreender o *caráter moralizante*, didático, sentencioso que marca a maior parte da literatura que nasce nesse período, fundindo o lastro oriental e ocidental. No fundo é sempre uma literatura que *divulga ideias, que busca ensinar, divertindo*, num momento em que a palavra literária (privilegio de poucos e difundida pelos jograis, menestréis, rapsodos, trovadores...) era vista como uma *atividade superior do espírito*: a atividade de um homem que tinha o *Conhecimento das Coisas*. (COELHO, 1991, p. 33, grifo do autor).

De acordo com Lígia Cademartori (2010, p. 39), Charles Perrault, no século XVII, “[...] coleta contos e lendas da Idade Média e adapta-os, constituindo os chamados contos de fadas [...]”. As escritas que adivinham dessa coleta tinham origem em contos populares visto que Perrault “[...] realizou sua versão a partir das narrativas orais [...]”. (COLOMER, 2017, p.139). A literatura seguia um enfoque moralizante, trazendo desfechos com a intenção de educar as crianças por meio do medo.

No século XVIII, uma nova concepção de criança surge. Passa-se a visualizar a criança como um ser em construção, não mais como um mini adulto, isso faz com que novas formas de educar e instruir as crianças surjam. Passou-se a pensar nas crianças e suas potencialidades em níveis intelectuais e literários. De acordo com Maria Antonieta Antunes Cunha (1998, p. 22):

A história da literatura infantil tem relativamente poucos capítulos. Começa a delinear-se no início do século XVIII, quando a criança passa a ser considerada um ser diferente do adulto, com necessidades e características próprias, pelo que deveria distanciar-se da vida dos mais velhos e receber uma educação especial, que a preparasse para a vida adulta.

Para Regina Zilberman (1998), essa mudança significou uma nova concepção de família, estreitando e fortalecendo laços afetivos, entretanto, toda essa atenção voltada à infância causou controle do desenvolvimento intelectual e manipulação de emoções. Traços dessa cultura podem ser vistos até hoje nos livros de literatura, que por muitas vezes foram usados para fins pedagógicos, tendo o intuito de educar e moralizar.

A literatura vai, aos poucos, se adaptando às culturas e sociedades em que ela se faz presente. Os Irmãos Grimm, dois escritores alemães do século XIX,

[...] recolhem diretamente da memória popular as antigas narrativas, lendas ou sagas germânicas, conservadas por tradição oral [...]. Buscando encontrar as origens da realidade “nacional”, os pesquisadores encontram a fantasia, o fantástico, o mítico... e uma grande Literatura Infantil surge para encantar crianças do mundo todo (COELHO, 1991, p. 140).

Nelly Coelho (1991, p. 142) ainda evidencia que a era romancista traz um pouco mais de humanismo à literatura; mesmo com aspectos negativos, há uma esperança predominante. Com os contos maravilhosos ganhando visibilidade, a infância passa a ter um pouco mais de leveza, perde-se um pouco da violência trazida pelas histórias de Perrault, e os Irmãos Grimm transformam esses contos em obras-primas da literatura infantil.

No Brasil, a literatura infantil tem em seus primeiros momentos grande influência de Portugal, devido à sua colonização. Foi no final do século XX que a literatura infantil passou a ser internacionalizada, alcançando grandes patamares da sociedade (CADEMARTORI, 2010, p. 15).

No Brasil, a Literatura Infantil conta com títulos de autoria de alguns de seus mais brilhantes escritores, como Henriqueta Lisboa, Raquel de Queiroz, Mario Quintana, Érico Veríssimo, Cecília Meireles, Vinícius de Moraes, Clarice Lispector e outros escritores referenciais de nossa literatura. Personalidades poéticas contemporâneas, como Ferreira Gullar e Armando Freitas Filho também estenderam suas sensibilidades para criação de textos infantis.

Entretanto, “com Monteiro Lobato é que tem início a verdadeira literatura infantil brasileira. Com uma obra diversificada quanto a gêneros e orientação, cria esse autor uma literatura centralizada em algumas personagens, que percorrem e unificam seu universo ficcional” (CUNHA, 1998, p. 24).

A literatura infantil surge como uma necessidade de trazer leveza e intelectualidade ao público infantil. Concentra-se no cuidado com palavras e assuntos que são abordados. A literatura deve ser antes de tudo acessível, sem perder conteúdo por diminuir faixa etária, sem perder contexto, enredo e fantasia, sem perder vocabulário,

Mesmo sem precisar discorrer sobre a função da literatura, sabemos que é o fato de ela propiciar determinadas experiências com a linguagem e os sentidos - no espaço de liberdade que só a leitura possibilita, e que instituição nenhuma consegue oferecer - que a torna importante para uma criança (CADEMARTORI, 2010. p. 9).

Há um grande debate em relação à literatura infantil, ela tem uma importante função na infância, ela desenvolve o cognitivo, reflexivo, auxilia na criação e invenção de histórias, gera possibilidades e põe a criança/jovem frente ao mundo que o cerca, mas,

O gênero ‘literatura infantil’ tem, ao meu ver, existência duvidosa. Haverá música infantil? Pintura infantil? A partir de que ponto uma obra literária deixa de constituir alimento para o espírito da criança ou do jovem e se dirige ao espírito do adulto? Qual bom livro para as crianças, que não seja lido com interesse pelo homem feito? Qual o livro de viagens ou aventuras, destinado a adultos, que não possa ser dado a crianças, desde que vazado em linguagem simples isento de matéria de escândalo? Observados alguns cuidados de linguagem e decência, a distinção preconceituosa se desfaz. Será

a criança um ser à parte, estranho ao homem, e reclamando uma literatura também a parte? Ou será literatura infantil algo mutilado, de reduzido, de desvitalizado — porque coisa primária, fabricada na persuasão de que a imitação da infância é a própria infância? Vêm-me à lembrança as miniaturas de árvores, com que se diverte o sadismo botânico dos japoneses; não são organismos naturais e plenos; são anões vegetais. A redução do homem que a literatura infantil implica dá produtos semelhantes. Há uma tristeza cômica no espetáculo desses cavaleiros amáveis e dessas senhoras não menos gentis, que, em visita a amigos, se detém a conversar com as crianças de colo, estas inocentes e sérias, dizendo-lhes toda sorte de frases em linguagem infantil, que vem a ser a mesma linguagem de gente grande, apenas deformada no final das palavras e edulcorada na pronúncia... Essas pessoas fazem oralmente, e sem o saber, literatura infantil” (ANDRADE, 1964, p. 591 apud CUNHA, 1998, p. 25, grifo do autor).

Carlos Drummond de Andrade traz essa reflexão a fim de pensar o porquê limitar a literatura classificando-a em certo para uma faixa etária, e, errada para outra. A literatura pode ser apenas literatura. Pode, simplesmente, fazer-nos fantasiar, refletir e aprender, não necessariamente ter uma função ou categorização.

Na sequência, tratarei sobre a literatura na escola. Essa, também, é categorizada? Qual sua função e como deveria ser trabalhada?

3 A LITERATURA NA ESCOLA

A literatura, até o quinto ano do ensino fundamental, é trabalhada concomitante com a disciplina de português, analisando que o docente nessa faixa etária deve contemplar todas as disciplinas do currículo escolar. A forma como é apresentada dentro de sala de aula resulta, conseqüentemente, no tipo de estudantes leitores que se formarão.

É comum observarmos que livros literários são inseridos no processo de alfabetização como um suporte, e não como de fato deveriam ser expostos. A literatura não necessita ter uma função alfabetizadora unindo-se a um caderno com roteiro de leitura.

Facilmente, podem-se encontrar crianças com livros e fichas gigantes para serem preenchidas com perguntas superficiais como:

- Qual é o título do livro?
- Quem são os personagens da história?
- Em que lugar a história acontece?
- Faça um resumo sobre o que leu.

Ler para preencher fichas, ler para responder perguntas, ler para contar para o/a professor/a o conteúdo de um livro, ler para apresentar para os colegas etc., a leitura por puro prazer não lhes é apresentada, novos leitores dificilmente se formarão quando nunca houve essa experiência.

Esse tipo de leitura “cobrada” nas instituições educacionais não constrói sujeitos pensantes, não são leituras reflexivas, muda o texto, o livro, mas não a forma de trabalhar com ele. Somos robotizados na leitura e interpretação do texto, não precisamos compreender o que nele está escrito se soubermos responder essas questões apresentadas a nós durante toda vida escolar.

Um exemplo disso é a história de Mirimi e Gissitar, que mesmo fazendo uso de uma linguagem desconhecida traz elementos maçantes e de respostas automáticas que não fazem com quem leia-o compreenda de fato suas intenções. A escola cria robôs que aprendem a encontrar respostas sem nem sequer compreender os questionamentos.

Leia o texto abaixo e responda às perguntas:

Era uma vez dois trafelinhos, Mirimi e Gissitar. Os dois trafelinhos eporavam longe das perlogas. Um masto, porém, um dos trafelinhos, Mirimi, felnou que ramalia rizar e aror uma perloga. Gissitar regou muito. Ele rurbia que Mirimi não rizaria mais da perloga. Gissitar felnou, felnou, regou, regou, mas nada. Mirimi estava leruado: ramalia rizar e aror uma perloga. No masto do fabeti, Mirimi rizou muito lonto. No meio do fabeti, proceu Gissitar e os dois rizaram ateli. Gissitar não ramalia clenar Mirimi.

1. Quem eram os dois trafelinhos?
2. Onde eporavam?
3. O que aconteceu, um masto?
4. No 5º período a que se refere o pronome ele?
5. Quem felnou?
6. Mirimi estava leruado para quê?
7. O que aconteceu no masto do fabeti?
8. Por que Gissitar rizou com Mirimi?

Fonte: <https://pt.scribd.com/doc/143431905/Mirimi-e-Gissitar>

A literatura não pode ser apenas um emaranhado de palavras, precisa ter significado para a criança, compreensão e emoção, além de proporcionar conhecimento e reflexão. O texto **Mirimi e Gissitar** provoca estranheza com suas palavras, e apesar de não impossibilitar o leitor de responder aos questionamentos, faz com que seja possível observar que decifrar o discurso, as palavras, nem sempre está ligado à aquisição de sentido e conhecimento.

[...] a leitura é um processo de produção de sentidos, em que o leitor não apenas reproduz ou reconstrói o sentido supostamente pretendido pelo autor. Ela é fruto de uma ação do leitor, que imprime sentidos pessoais ao que lê, por meio de um trabalho criativo: o leitor é coautor do texto. (CARVALHO, BAROUKH, 2018, p. 16).

O que caracteriza o leitor são suas concepções acerca de suas leituras, ler é compreender, construir sentidos, atribuir significado. Para que esse leitor possa se constituir de fato leitor, ele precisa ter experiências literárias que o façam encontrar nos livros aportes para dar sequências às suas problematizações e fantasias.

A maior parte das crianças de escolas públicas não tem acesso a livros em suas residências, sendo assim, a escola tem o papel, e o compromisso, para com esses estudantes,

não apenas em ofertar literaturas de qualidade, mas, também, incentivá-las a desbravar livros e neles encontrar novos caminhos e possibilidades. A realidade infantil atual está conectada o tempo todo, muito se “acha” nos celulares e muito se “perde” nos livros.

Se a escola tem função social formativa, cabe a ela instruir, incentivar, dar suporte e proporcionar momentos em que explorar o campo vasto da literatura seja a principal atividade. Fazer com que seus estudantes consigam ter novas percepções acerca do mundo que os cerca, relacionando novas experiências com vivências literárias, é oportunizar independência, voz ativa e autonomia perante a sociedade.

Se concordamos que é função da escola introduzir as crianças no universo da leitura e da literatura, precisamos garantir o acesso pleno aos livros, desde sempre. Na escola pública e privada. Não há formação de leitor sem livro. Vale muito mais a pena um livro na mão do que milhares nos armários (CARVALHO, BAROUKH 2018, p. 53).

Isto diz respeito aos momentos em que o manuseio de livros fica exclusivamente a cargo do professor, não sob escolha e porte do aluno. Ler não é só sobre decodificar letras, palavras e frases, é, também, sobre observar as ilustrações, é viver o livro.

O quanto nos encantamos pela capa e pelo título, exploramos suas ilustrações, guardamos lembrança de quem nos presenteou com eles, o quanto o desejamos. Seus aromas, a textura das capas, o toque das folhas, os tamanhos das margens, as anotações que muitas vezes fazemos em suas páginas marcam nosso percurso leitor (CARVALHO, BAROUKH, 2018, p. 36)

A desigualdade presente na sociedade traz grandes reflexos na formação educacional, a escola tem o papel de formar para diminuir essa distância do patrimônio cultural entre as crianças com o acesso a suporte literários de qualidade.

A escola é, por excelência, o lugar em que as crianças devem ter acesso ao patrimônio cultural da humanidade - esse é um direito que lhes cabe desde o momento em que pisam em sua primeira instituição escolar. A escola é o *locus* fundamental para a democratização do acesso à cultura e, portanto, para a diminuição da desigualdade social.[...] (CARVALHO, BAROUKH, 2018, p.39).

3.1. NORMATIVAS EDUCACIONAIS

Atualmente, dois documentos norteiam o sistema educacional brasileiro, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e o Referencial Curricular (RC). A Base Nacional Comum Curricular é um documento normativo que apresenta uma série de habilidades e competências a serem trabalhadas pelos docentes. Tal documento torna o processo de ensino regular a todas as crianças e jovens brasileiros, assegurando interdisciplinaridade e continuidade

nos conteúdos abordados.

Analisando que o processo de continuidade é fundamental para que as crianças construam aprendizados significativos, complementando o que já se sabe e crescendo constantemente novos saberes à sua jornada escolar, a BNCC (2017, p. 59) afirma que,

[...] devem ainda ser consideradas medidas para assegurar aos alunos um percurso contínuo de aprendizagens entre as duas fases do Ensino Fundamental, de modo a promover uma maior integração entre elas. Afinal, essa transição se caracteriza por mudanças pedagógicas na estrutura educacional, decorrentes principalmente da diferenciação dos componentes curriculares. Como bem destaca o Parecer CNE/CEB nº 11/2010, “os alunos, ao mudarem do professor generalista dos anos iniciais para os professores especialistas dos diferentes componentes curriculares, costumam se ressentir diante das muitas exigências que têm de atender, feitas pelo grande número de docentes dos anos finais” (BRASIL, 2010). Realizar as necessárias adaptações e articulações, tanto no 5º quanto no 6º ano, para apoiar os alunos nesse processo de transição, pode evitar ruptura no processo de aprendizagem, garantindo-lhes maiores condições de sucesso.

A disciplina de literatura no quinto e sexto ano do ensino fundamental não tem um lugar específico na BNCC. Ela é trabalhada em um contexto geral por meio do eixo leitura, em que, indiretamente, é posta no currículo, sem uma abordagem completa e significativa para o desenvolvimento literário dos estudantes. Em formato de tabelas e quadro de habilidade, algumas vezes, esse componente curricular se faz presente.

O documento aborda elementos que sugerem uma metodologia voltada à estruturação textual, reflexões, escrita, identificar partes específicas em livros, assim como mostrar-se interessado em livros e leituras. É importante que o estudante conheça a estrutura do livro, mas tratando-se de literatura literária, o que realmente se faz necessário?

Nas habilidades presentes no documento, o trabalho literário está associado diretamente com o eixo alfabetização, a interdisciplinaridade é fundamental. Entretanto, estarem tão próximas e sem uma divisão de componente podem ser embaralhadas e, conseqüentemente, a literatura pode virar apoio pedagógico para preenchimento de fichas de leitura.

Entre enumeradas habilidades, encontram-se algumas que contemplam a leitura literária dentro da sala de aula, é imprescindível que a literatura tenha um contexto, parta de um planejamento amplo e não fique apenas aleatoriamente entre meio à aula, todavia trabalhá-la em contexto gramatical faz com que se reduza a simples textualidades de sala de aula, perdendo todo seu significado.

As habilidades do sexto ano em literatura baseiam-se em

Vários são os gêneros possíveis de serem contemplados em atividades de leitura e produção de textos para além dos já trabalhados nos anos iniciais do ensino fundamental (notícia, álbum noticioso, carta de leitor, entrevista etc.): reportagem, reportagem multimidiática, fotorreportagem, foto-denúncia, artigo de opinião, editorial, resenha crítica, crônica, comentário, debate, vlog noticioso, vlog cultural, meme, charge, charge digital, political remix, anúncio publicitário, propaganda, jingle, spot, dentre outros. A referência geral é que, em cada ano, contemplem-se gêneros que lidem com informação, opinião e apreciação, gêneros mais típicos dos letramentos da letra e do impresso e gêneros multissemióticos e hipermidiáticos, próprios da cultura digital e das culturas juvenis. Diversos também são os processos, ações e atividades que podem ser contemplados em atividades de uso e reflexão: curar, seguir/ser seguido, curtir, comentar, compartilhar, remixar etc. Ainda com relação a esse campo, trata-se também de compreender as formas de persuasão do discurso publicitário, o apelo ao consumo, as diferenças entre vender um produto e “vender” uma ideia, entre anúncio publicitário e propaganda (BRASIL, 2017, p. 141).

Como no processo de continuidade, as habilidades e competências expressas no quinto ano se reafirmam no sexto ano do ensino fundamental. Mesmo a literatura sendo a parte fundamental no processo literário, a gramática continua tendo um enfoque maior, entretanto, é possível observar uma maior dinâmica nas habilidades que visam trazer a reflexão de forma contínua e com debates construir bases e posicionamentos mais sólidos a partir da leitura.

O Referencial Curricular é um documento que dispõe de normativas curriculares mais específicas que abrange as regiões. As normativas continuam seguindo a Base Nacional Comum Curricular, porém, apresentam competências e habilidades mais específicas e com a intenção de proporcionar uma direção mais clara aos professores de cada região.

O destaque deste documento está no reconhecimento da educação escolarizada no sentido de Território, sendo este compreendido, não apenas como espaço, mas como marcas de subjetividades significativas para a formação integral de sujeitos em condição de pertencimento. Dessa forma, os sujeitos em formação terão as mesmas oportunidades de aprendizagem, independente dos sistemas educacionais, das redes de ensino ou escolas privadas que pertencem, considerando ainda as características locais (RIO GRANDE DO SUL, 2018, p. 17).

Com as especificidades da região sul do Brasil, o Referencial Gaúcho atenta-se a

cumprir as normativas da BNCC sem deixar de dar enfoque às principais características regionais, trazendo de volta “[...] o cultivo da cultura gaúcha, a lembrança das nossas lutas, os conflitos e conquistas, o desenvolvimento, o respeito, às manifestações de toda ordem nos torna povo de "grandes feitos" corroborando para o orgulho cívico de geração em geração [...]” (RIO GRANDE DO SUL, 2018, p. 20), muitas vezes esquecida durante todo o ano letivo, e lembrada unicamente no mês de setembro.

No RCG, a literatura está sendo trabalhada concomitante com a língua portuguesa, da mesma forma que acontece na BNCC, está posicionada como terceiro componente curricular no quadro de habilidades, denominando-se “CAMPO ARTÍSTICO-LITERÁRIO”.

Essa habilidade busca introduzir a cultura gaúcha junto à literatura, poucas vezes exploramos a literatura regional, o referencial aponta essa mudança. Em seu quadro de habilidades sugere-se que a literatura seja explorada a fim de fazer o estudante compreender diversos tipos de gêneros literários e saber diferenciá-los, fazendo com que o mundo imaginário esteja diretamente ligado com a disciplina.

No quinto ano, algumas habilidades apontam a importância do vocabulário, sabendo que o Rio Grande do Sul possui um amplo repertório linguístico e é necessário aprendê-lo para então conhecer sua literatura. A construção de textos ainda é bem presente, como na BNCC, assim como a questão da gramática, ao longo das habilidades algumas partes do campo literário se perdem.

A maior preocupação levada em conta neste eixo é identificar e localizar informações em textos e significado de palavras, grafia e escrita. Estar na biblioteca da escola, escolhendo livros e tendo contato com diversos gêneros textuais é a habilidade mais próxima que se tem sobre a literatura.

No sexto ano, assim como no quinto, relacionar a literatura a diversos gêneros textuais, comparar textos e informações analisando suas diferenças, a grafia e a gramática, soam como frases repetitivas, seguindo uma lógica extremamente parecida. O processo reflexivo, aqui explorado um pouco mais, traz relevância sobre temas polêmicos a serem trabalhados em sala para tornar esses estudantes mais críticos, a partir de argumentos fundados por referências científicas.

Oportunizar espaços de pesquisas é importante, para que, além de os estudantes lerem textos a eles disponibilizados, saibam procurar por fontes seguras notícias que sejam de seus interesses. Entre pesquisas e debates à fundamentação teórica, ou seja, literatura, mas e a leitura literária? Em que momento é oportunizada nas escolas?

Escrever, reescrever, analisar, saber pontuar, identificar, produzir, são termos recorrentes sob os dois documentos normativos no eixo que trata a literatura, a leitura aparece poucas vezes, podendo passar despercebida em relação a quantidade de conteúdos que são amplamente ressaltados.

[...] usar um texto literário para extrair questões interpretativas de pouca monta, que não vão além da superfície do texto, ou questões gramaticais em vez de conduzir o aluno a compreensão dos elementos estéticos da obra e, por meio deles, ao atendimento dos homens e da sociedade. Essas questões esclarecem por que, na sociedade do descartável, qualquer texto serve ao manual (SOUZA, 2010, p. 80).

Analisando os dois documentos normativos pode-se observar a falta de um eixo específico para abordar a literatura. A disciplina é trabalhada de forma concomitante à língua portuguesa, e, por estarem muito próximas, algumas vezes podem misturar-se fazendo com que a literatura se torne um apoio pedagógico, e não seja utilizada como meio literário, afinal,

Na escola, existe uma crença de que a produtividade escolar está atrelada a produtos tangíveis, registros em papel - material nobre, cujo destino são as pastas, os murais e, finalmente, a casa, em que a família poderá reconhecer e comprovar o trabalho realizado. Essa crença reduz o reconhecimento das aprendizagens das crianças a algum vestígio: é preciso uma prova concreta, registrada, para que se avalie o avanço - ou não. Nesse sentido, a escrita ganha um lugar de destaque na hierarquia dos conteúdos - afinal, falar todo mudo sabe; mas escrever é outra história (CARVALHO, BAROUKH, 2018, p. 82).

Tendo em vista que, as normativas escolares tratam a literatura na maior parte do tempo de forma pedagógica, abordarei no subtítulo seguinte sobre os estudantes, a transição do ensino fundamental I para o II, e a interferência que a literatura tem na aprendizagem e no desenvolvimento cognitivo das crianças e pré-adolescentes.

4 O ESTUDANTE E A LITERATURA

A transição do 5º ano do Ensino Fundamental I para o 6º ano do Ensino Fundamental II traz uma série de novos acontecimentos, reflexões e ações das crianças, visto que é nesse período em que transitam da infância à pré-adolescência. As mudanças que se fazem presentes nesse período não podem ser uma ruptura entre as aprendizagens escolares, mas devem ser trabalhadas continuamente, sendo que “[...] é importante, nos vários componentes curriculares, retomar e ressignificar as aprendizagens do Ensino Fundamental – Anos Iniciais no contexto das diferentes áreas, visando ao aprofundamento e à ampliação de repertórios dos estudantes” (BRASIL, 2017, p. 58).

Fazer com que esses adolescentes tornem-se sujeitos construtores de seus aprendizados é fundamental para que esses compreendam seu papel na sociedade e já se sintam incluídos nela, visto que muitas vezes os adolescentes se sentem perdidos na sociedade, porque não são crianças e também não são adultos, ficando confusos em relação ao seu pertencimento social.

Há uma tendência a considerar-se juventude um "rito de passagem", uma ponte entre o ser criança e adulto, o que leva a enfatizar referências sobre um vir a ser, sem considerar vontades, formas de ser e culturas juvenis que se definem em relação ao presente. [...] São também representados como responsáveis pelo futuro e irresponsáveis no presente, como esperança de uma sociedade melhor e a personificação do medo e da insegurança (ABRAMOVAY, CASTRO, 2004, p. 61).

Depositamos nas crianças responsabilidades sociais que podem ser intensas demais, Mary Garcia Abramovay e Miriam Castro (2006, p. 61) afirmam que elas “São também representados como responsáveis pelo futuro e irresponsáveis pelo presente, como esperança de uma sociedade melhor e a personificação do medo e da insegurança.” Com isso, pode-se notar a transferência de uma carga pesada a quem ainda busca encontrar-se no meio em que está inserido. Sabe-se que ter dimensão sobre a realidade e criar expectativas sobre a vida tem seu grau de importância, todavia, deve ser feito de forma harmônica, de modo que a criança compreenda quais são suas obrigações atuais e o que pode ser deixado para pensar adiante, sem impor sobre ela os desejos e necessidades dos adultos.

É importante fazer com que esses jovens saibam se impor, criticar, argumentar e debater, expor suas opiniões. Neste sentido, a escola abre ou deveria abrir portas para o

conhecimento intelectual e autonomia de cada sujeito em formação. A BNCC (BRASIL, 2017, p. 354) aponta que:

Ao longo de toda a Educação Básica, [...] o ensino das Ciências Humanas deve promover explorações sociocognitivas, afetivas e lúdicas capazes de potencializar sentidos e experiências com saberes sobre a pessoa, o mundo social e a natureza. Dessa maneira, a área contribui para o adensamento de conhecimentos sobre a participação no mundo social e a reflexão sobre questões sociais, éticas e políticas, fortalecendo a formação dos alunos e o desenvolvimento da autonomia intelectual, bases para uma atuação crítica e orientada por valores democráticos.

Atualmente, o foco do professor em sala de aula é fazer com que os jovens se expressem, reflitam e questionem o mundo que os cerca. Há pouco, saímos de uma educação tradicional que não visualizava a criança como um sujeito pensante, mas, sim, como uma folha em branco que precisava de uma transmissão de conteúdos significativa, com docentes detentores de saberes absolutos.

Fortes resquícios dessa educação ainda são presentes em atividades e em falas cotidianas em salas de aula. É, possivelmente, a partir de algumas metodologias, aqui tratadas anteriormente, cobranças e desatenção a realidade enfrentada pelos estudantes que muitos vão perdendo o interesse na escola,

Nesse período da vida, as crianças estão vivendo mudanças importantes em seu processo de desenvolvimento que repercutem em suas relações consigo mesmas, com os outros e com o mundo. Como destacam as DCN, a maior desenvoltura e a maior autonomia nos movimentos e deslocamentos ampliam suas interações com o espaço; a relação com múltiplas linguagens, incluindo os usos sociais da escrita e da matemática, permite a participação no mundo letrado e a construção de novas aprendizagens, na escola e para além dela; a afirmação de sua identidade em relação ao coletivo no qual se inserem resulta em formas mais ativas de se relacionarem com esse coletivo e com as normas que regem as relações entre as pessoas dentro e fora da escola, pelo reconhecimento de suas potencialidades e pelo acolhimento e pela valorização das diferenças (BRASIL, 2017, p.58).

Quando tratamos da literatura fora do contexto escolar, temos inúmeros fatores que tornam sua vivência uma experiência boa ou não. A leitura, propriamente dita, tem diversas faces e se apresenta em diferentes contextos, e, assim como a literatura, cada leitor tem suas

peculiaridades, o que se mostra um fator determinante para que tenha a leitura como um hábito em sua vida.

Enquanto seres singulares, cada um vivencia a literatura de um modo particular, no que diz respeito aos estudantes, mais do que a forma como a leitura é abordada, o ambiente também se faz presente como um aliado.

A leitura na escola proporciona um ambiente calmo e silencioso, em que cada um pode se atentar ao livro que está sendo lido, concentrar-se e viajar por ele, sem julgamentos. Outra hora, em casa, essa mesma criança que pode ler com silêncio está no meio da bagunça de seus irmão mais novos, barulhos na vizinhança, ouvindo brincadeiras e piadas de mau gosto que aos poucos reduzem o apreço pelo mundo literário.

A leitura promove momentos de solidão, é apenas o leitor e o livro, para quem desconhece essa prática não vê sentido em isolar-se com um pedaço de papel. A verdade é que, como apontam Ana Carolina Carvalho e Josca Ailine Baroukh (2018, p. 109), “a literatura talvez ainda seja o espaço no qual podemos viver a introspecção, o silêncio, a solidão, o pensar sobre nossa condição no fluxo diário da vida”.

Essa estranheza pode ser conflitante no mundo atual. Observar alguém sem interagir com o outro, sem mexer no celular, apenas com um livro é motivo para pensar que a pessoa em questão não é sociável, não quer conviver em determinado espaço, isso abre portas para uma série de comentários que muitas vezes fazem o leitor largar seu livro, frustrando-se em relação à sociedade em que vive.

Pode-se por muitas vezes, encontrar ex-leitores que foram perdendo a estima pela literatura por não se adequar ao contexto social em que está inserido, isto é, em um contexto familiar, com pessoas que não têm como hábito a leitura, podem desmotivar, mesmo não querendo fazê-lo, o leitor. Alguns comentários que reduzem essa atividade reflexiva podem gerar desconforto e até a perda de interesse pelos livros.

Ler é teletransportar-se para um mundo imaginário em que o faz de conta torna-se fundamental, é um desenvolvimento intelectual que pode auxiliar na fase de transição entre a infância e a juventude, entre o questionar e o compreender, entre o ficar receoso sobre determinado assunto e sanar suas dúvidas lendo.

A literatura, por fim, precisa não apenas ser apresentada aos estudantes, mas, deve ser parte da suas vidas, para compreender quais são as experiências literárias das crianças e pré-adolescentes entrevistados, a próxima seção trará a discussão e resultados, a partir do diálogo e análise em subseções.

5 DISCUSSÃO E RESULTADOS

Em uma escola pública do município de Erechim foram entregues trinta (30) Termos de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), para trinta estudantes do sexto ano do ensino fundamental. Na entrega deste documento foi explicado que a pesquisa em questão trataria sobre as concepções de literatura de cada um, que se faria um diálogo com um bate e volta de perguntas, respostas e comentários acerca do tema em questão, salientando a importância de cada um para a construção e conclusão deste trabalho.

Foi ressaltado, também, que a não devolução dos termos implicaria na impossibilidade de participação, assim como na negativa dos responsáveis. Ficou esclarecido, também, que mesmo com consentimento dos responsáveis, se o estudante não se sentisse à vontade para participar poderia deixar a pesquisa a qualquer momento. Salientou-se, da mesma forma, que não haveria nenhum tipo de reprimenda para aqueles que não participassem da pesquisa.

Dos trinta termos, quatorze (14) retornaram, quatro (4) deles retornaram com a permissão para diálogo com os estudantes negada, dez (10) com assentimento sobre a entrevista, alguns estavam em branco e outros não tiveram retorno. Dos dez estudantes aptos a realizar a pesquisa nove optaram por realizá-la, um estudante preferiu não realizá-la.

Para iniciar o diálogo com os estudantes, algumas perguntas foram pensadas e elaboradas anteriormente, para que conduzissem a pesquisa de forma completa, sem perder nenhum ponto importante, esses questionamentos foram norteadores e no momento da conversa algumas outras surgiram, demandando também atenção e reflexão.

- Você gosta de ler?
- É incentivado pela família/professores a manter/criar esse hábito?
- Possui acesso a amplo repertório literário (livros de diferentes gêneros textuais).
- Acha que é importante ler? Por quê?
- Como a literatura é trabalhada dentro da sala de aula?
- Quando lê, é por “obrigação” ou prazer literário?
- Como seria uma boa aula de literatura em sua opinião?
- A literatura tem espaço na sala de aula?

Os estudantes participantes foram levados até o saguão da escola e, em círculo, todos nos apresentamos, algumas dúvidas sobre a pesquisa ainda foram respondidas, e quando já não havia mais questionamentos, o diálogo começou. A roda de conversa levou em torno de uma hora, os estudantes ficaram à vontade para responder ou não a cada questionamento, entre si,

eles mesmos faziam apontamentos e contavam curiosidades sobre a escola e o que aprendiam nela.

A teoria de Bardin será instrumento para realização das análises das categorias da entrevista, esse método visa contribuir para organização e estruturação da pesquisa a partir dos dados coletados. De acordo com Laurence Bardin (1997), essa análise consiste na descrição analítica do conteúdo manifesto e sua posterior interpretação, compreendendo três fases: a pré-análise, a exploração do material e, posteriormente, a realização dos resultados.

As categorias aqui presentes serão organizadas em subseções, inicialmente será tratado sobre a concepção dos estudantes a respeito de uma aula de literatura ideal. A segunda categoria abordará a importância da biblioteca para as crianças, tendo sequência com os gêneros literários levantados pelas crianças. A quarta subseção abordará a transição do quinto para o sexto ano do ensino fundamental. Finalizando com a conclusão a respeito da pesquisa.

5.1 A LITERATURA IDEAL: CONCEPÇÕES DOS ESTUDANTES

Sabe-se que o modo como trabalhamos qualquer assunto dentro de sala de aula interfere diretamente na aprendizagem e interesse dos estudantes que estão ligados inteiramente sob nosso planejamento e metodologias. Um planejamento que leve em conta os estudantes presentes em sala, a realidade que os influencia dentro e fora da escola, a forma como compreendem ou sentem necessidade por conhecer algo, é fator determinante para que além dos conteúdos que obrigatoriamente precisam ser repassados, ocorra uma aprendizagem significativa e reflexiva.

Durante a entrevista, questioneei os estudantes sobre como seria uma aula de literatura interessante, e as respostas que surgiam estavam diretamente ligadas com o professor que daria a disciplina, em como os trataria em sala de aula. As respostas variaram em “a professora ter que ser legal”, “eu acho que ela tem que ser simpática e calma”, “tem que ter paciência”, “tem que ser divertida”, algumas crianças pensaram na disciplina, “tem que ter livros!”.

Ao analisar os comentários das crianças, nota-se uma grande necessidade por professores que os ouçam, que trabalhem em conjunto, o professor legal, aqui, talvez não seja um professor legal em sentido caráter, mas sim que traga uma metodologia interessante para dentro da sala de aula. Conteúdos precisam ser abordados, mas nada impede que esses sejam tratados de forma leve e com didática mais ativa aos estudantes, trazendo maior compreensão e envolvimento.

Cabe aqui relacionar não apenas a metodologia que o professor usará em suas aulas, mas também com a insegurança e necessidade de compreensão por parte das crianças. Ser legal, para eles, é ser um docente calmo, divertido, que tenha paciência e dialogue com eles, que tenha simpatia, esses pontos evidenciam a importância da transição da infância à pré adolescência, na qual, de forma “camuflada”, a necessidade de ser ouvido e compreendido se fez presente em um diálogo curto, com apenas nove crianças, das trinta que estavam matriculadas na turma, quantas mais têm o mesmo sentimento de aflição?

As metodologias para uma aula interessante partem de diversos lados, jeitos e contextos. A escuta sensível não pode ficar na educação infantil, ela precisa acompanhar o pedagogo por onde quer que ele vá, ouvir os estudantes é participar do processo formativo social deles, é a partir de observações silenciosas que construir um planejamento que se encaixe no contexto e problematização da criança/jovem seja mais efetivo na vida fora da escola.

Ter uma escuta sensível é ouvir os estudantes de diversas formas, é atentar-se nos momentos em grupos para encontrar interesses em comum na turma, é por meio de debates ouvi-los, para entender como e os motivos por pensarem de determinada maneira, é estar aberto a essas novas visões a respeito do mundo, é enxergar o estudante para além do que ele demonstra transparecer, é estar próximo o bastante para dar suporte quando necessário e distante o suficiente para dar liberdade para exporem suas maneiras de pensar e agir.

É imprescindível que seja permitido à criança verbalizar seus anseios, histórias sobre cotidiano, é através da fala e expressividade que a criança constitui sua personalidade, como Galvão e Dias-da-Silva (1997, p. 108) comentam que,

Vários professores vêem nesse comportamento uma regra importante que deve ser apreendida: a criança deve esperar sua vez de falar, ou saber filtrar aspectos mais ou menos importantes numa situação escolar. Outros, ainda que considerando a importância desse aspecto, impedem sua ocorrência dada a organização da prática pedagógica (já que não “há tempo”). Por outro lado, é inegável que boa parte dos professores deixa de dar voz aos alunos em sala de aula, voz que parece decisiva tanto na estruturação da personalidade da criança quanto (sobretudo na escola) na estruturação de seu pensamento. Quão provável me parece a hipótese de que as crianças queiram contar os “causos” movidas pela característica pré-operatória da centração, como sugere Piaget. Ou talvez devêssemos pensar que a generalização é tarefa lógica que a 5ª série poderia e deveria trabalhar?

É necessário fazer parte da vida de cada estudante interferindo de uma forma onde apresentaremos diversos lados, teorias e concepções, e, deixar que ele livremente escolha por

que caminhos quer trilhar. Ser docente requer uma sensibilidade aguçada, nem sempre o suporte para as crianças será apenas pedagógico, podemos nos deparar com inúmeras situações cotidianas em que ser um bom professor será simplesmente sentar e ouvir sobre a vida da criança/jovem, e, talvez, ser um professor legal se encaixe perfeitamente aqui, neste ponto.

Galvão e Dias-da-Silva (1997) trazem que “[...] Sem qualquer demonstração de afeto, sem estabelecer vínculos com a criança, é possível educá-la? Posso ser professor, respeitar politicamente o aluno (no nível do discurso) e não sorrir para ele, ou não saber seu nome, ou dirigir-me a ele sem gritar, com tom de voz meigo?” (p.75), como podemos adentrar o mundo do jovem para compreendê-lo se não pararmos para ouvi-lo e o tratarmos com afetividade?

Por vezes nos preocupamos em preparar acolhimentos elaborados para a educação infantil e anos iniciais, esquecemos que dentro das escolas temos crianças de muitas idades e que também esperam de nós um pouco mais do que, talvez, seja oferecido em outros ambientes.

As crianças formam a escola, a idade em que se encontram não é motivo para um “desleixo sentimental” ou pedagógico sensível, todos gostamos de ouvir histórias, todos sentimos necessidades de sermos bem recebidos por onde quer que vamos, é comum chegarmos em creches e salas de crianças menores e nos depararmos com uma infinidade de espaços pedagógicos, montados especialmente para a turma, espaços esses que foram elaborados por meio da escuta sensível.

E, então, raras vezes vemos essa sensibilidade nas salas de aula do ensino fundamental, é só pegar o caderno e escrever, já estão grandes, para quê brincadeira? Por meio da conversa realizada com as crianças entrevistadas pude perceber dois lados em conflito, o lado “sou grande” e o lado “em que preciso de atenção”, ambos estão diretamente ligados. Não é sobre dar colo, dar beijos e abraços, é apenas sobre se importar, ouvir e tentar entender.

É sobre visualizar a criança como criança, é sobre ver e ouvir o ser humano, é dar suporte pedagógico, mas também compreender que não é tudo sobre escola, a vida pessoal das crianças interfere fortemente em suas relações mais básicas, (amigos, família, escola, consigo mesmo.) sendo imprescindível se atentar ao contexto geral, não apenas até onde os olhos podem ver. É dar importância aos sentimentos, ao conhecimento, às experiências, é notar a vastidão dentro do educando, até onde se pode ser criança ou quando não se pode mais?

Enquanto no primário espera-se que o aluno seja supervisionado pelos professores e que deva pedir permissão para praticamente tudo o que faz - dentro e fora da sala-, no ginásio espera-se que o aluno (já “maduro”, “não são mais crianças”) seja capaz de fazer tudo sozinho. [...] Certamente, alvo desejável e legítimo para a construção da adolescência. Entretanto, novamente nesse aspecto, presenciamos a passagem sem qualquer rito ou preparação. Exceto se considerarmos que dizer à criança que “não tem

mais idade para isso” seja preparação suficiente. (GALVÃO, DIAS-DA-SILVA, 1997, p. 110)

Se ouvir se faz parte fundamental no processo educacional, uma das respostas me chamou bastante atenção, “Qualquer coisa assim, interessante, porque a gente vai aprender da mesma forma. Né? O Ruim seria trazer alguma coisa e a gente não aprendesse nada”, levando em conta a fala do estudante, pode-se reafirmar que a metodologia utilizada é o principal fator para o desenvolvimento, aprendizagem e compreensão a respeito de qualquer conteúdo, mas é importante ressaltar a palavra “interessante”, que aponta indícios sobre a importância da escuta, o que é interessante para essa criança?

“Qualquer coisa que seja interessante”, para dar conta de conteúdos programáticos o interesse dos estudantes não acaba sendo observado, trabalhado, debatido. Como docente, vejo a frase pesada, palavras de uma criança que compreendeu que indiferente de sua vontade a ordem sempre virá de cima, que espaço de diálogo ela tem? Não importa se ler um livro de terror o faça refletir mais do que fichas de leitura, o que vale são registros, vazios.

“Porque a gente vai aprender da mesma forma”, a palavra aprender está ligada realmente com seu significado? Da mesma forma. Será? Há um grande penhasco que difere a palavra aprender da palavra decorar, de acordo com a frase dita pelo estudante, aqui, melhor se encaixaria a segunda opção. “É obrigação da criança aprender”, por isso é indiferente à ela o que será o próximo conteúdo, mesmo não o compreendendo ela precisará decorá-lo, pois em um futuro próximo uma avaliação dirá se ele “aprendeu” ou não.

Maria Helena Galvão e Frem Dias-da-Silva (1997, p.102) abordam que

Há semelhanças marcantes que caracterizam o modelo vigente: ensino centrado no professor, aulas monótonas, ditadura do livro didático etc. Os professores, em geral, tendem a abandonar os “casos perdidos”, centrando-se nos bons alunos idealizados (exceção feita aos bem-sucedidos - que fariam o inverso -, cf. Guarnieri 1990). Há constantes ameaças, seja de reprovação seja de “contar pro seu pai”, ou “ir pra diretoria”. Prioriza-se o trabalho individual, cerceando-se a troca entre os pares... Portanto, há (também) continuidade.

Esse aprender vai ser sempre da mesma maneira? Ou é possível mudá-lo? Se a abordagem do conteúdo mudar, se substituirmos o copiar pelo refletir, se mudarmos do pronto para o construído junto, o percurso que se traça é o que torna o resultado valioso. Não será sempre da mesma forma, há tanto para explorar e construir juntos, há tanto a realmente aprender.

Uma das crianças relata que “Acho que seria legal ter uma professora bem legal, e que também traga livros, livros grandes pra ler, de vários autores.” Qual é o repertório leitor desse

estudante? Ele tem incentivo ou a vontade de ler parte dele? Qual é o seu gênero favorito? É oportunizar momentos de fala, de escuta, de silêncio, de planejamento, perguntas como essas se fazem ao início de um ano letivo, e a partir disso a didática em sala de aula terá outro contexto, o contexto do estudante.

“Ser um professor legal” é difícil conseguir compreender de fato o que se espera dos estudantes ao falar essa frase. Talvez seja começar por alguns pontos levantados acima, e por meio deles começar a tentar compreender e ouvir um pouco mais, a escuta sensível já é um tema indiscutível na educação infantil, é importante fazer esse método pedagógico ultrapassar as paredes das creches e chegar às salas de aula do ensino fundamental.

Se levarmos em conta que as crianças têm muitas experiências, conhecimentos, têm vontade de aprender, uma curiosidade que é renovada a cada vez em que algo novo surge, e que dentro de tudo isso, pode haver um docente com uma escuta sensível ativa, capaz de aproveitar cada fala, pergunta ou observação, tornando tudo isso aprendizado?

A escuta sensível, uma metodologia que dialogue com os estudantes, o diálogo, a aproximação pedagógica, a criação de vínculos afetivos, tudo isso colabora para que não haja um “professor legal”, mas sim, uma “educação legal”. Para que a educação seja sempre um mundo a se explorar, com muitos segredos a serem revelados, e com muito conhecimento a ser adquirido.

5.2 ENTRE PRATELEIRAS E LIVROS, A IMPORTÂNCIA DA BIBLIOTECA

O primeiro contato com os livros pode ser um dos momentos mais memoráveis da vida de um leitor, quem é que não se lembra do primeiro livro que lhe despertou para a literatura? Quem é que não tem um livro preferido? Qual foi o primeiro autor/a que o/a fez querer mais? Quantos capítulos você já leu prometendo que seria o último do dia? E o primeiro livro que você comprou? Todas essas perguntas nos fazem retroceder a momentos vividos que foram significativos, são aqueles marcantes que quando alguém diz - “fala o nome de um livro.” você para, e lembra de todas as sensações que este lhe causou, e ao falar espera que se essa pessoa procurá-lo possa ter um pouco de toda a intensidade que foi transmitida para que fosse o primeiro a passar pela cabeça.

A literatura está presente nos livros, e muitas crianças têm essas primeiras experiências com os livros na biblioteca da escola, os primeiros momentos dentro desse lugar serão decisivos na trajetória literária, visto que pode ser a primeira vez a folheá-lo, sentir seu cheiro, observar as letras, ilustrações, a forma como ele se organiza. A biblioteca é parte fundamental para que

leitores sejam formados, e “A construção do leitor e de sua autonomia passa pelo manuseio do livro” (CARVALHO, BAROUKH, 2018, p.37).

Os livros não são acessíveis à grande parte da população brasileira, o livro, infelizmente, é a última coisa que é comprada para uma criança, jovem ou até mesmo adultos, seja talvez pelo baixo índice de leitores assíduos no país e baixo incentivo a leitura, ou pelo fator econômico, que é um dos principais motivos.

Durante a entrevista, questionei às crianças a respeito da biblioteca da escola. Considerando que os livros que lemos são reflexos da nossa personalidade, ter a liberdade de escolha sobre os gêneros literários e estilos de leitura é fundamental para que descubramos quais são os que mais se adequam a nós, e foi nesse momento em que a preocupação transpareceu.

É comum encontrarmos nas bibliotecas escolares prateleiras que indicam o ano de cada turma, e mesmo que algum estudante tenha interesse em um livro de outra série, ele precisa ficar limitado a sua própria prateleira. Nesse momento, perguntei se eles também estavam restringidos a essa escolha. As crianças responderam que não podiam pegar o livro que queriam, infelizmente sem muita surpresa, mas, o que de fato me assombrou foi a seguinte frase: “Não, a gente não pode entrar na biblioteca. É expressamente proibida a entrada de alunos, não pode.”, e nesse momento mil perguntas surgiram em minha cabeça.

Inicialmente, se há biblioteca e há estudantes, o que impede a aproximação de ambos? Como a escola pode formar leitores quando possui a estrutura, mas não a utiliza? Livros em prateleiras valem mais do que em mãos leitoras e investigativas?

Foram incontáveis vezes que observamos a persistência de uma concepção ultrapassada, de que as crianças que ainda não sabem ler autonomamente não são capazes de manusear os livros com o cuidado necessário - elas rasgam, sujam, perdem. Por isso, a situação em relação à circulação do acervo nas escolas costuma sofrer muitas restrições, o que inibe, também, o trabalho com empréstimos e, portanto, o acesso democrático à leitura. (CARVALHO, BAROUKH, 2018, p.38)

Segui questionando-os pra tentar compreender o que acontecia ali, “A gente tem que esperar fora da biblioteca”, perguntei se em algum momento eles podiam entrar, “Só se tu for levar alguma coisa assim pra professora ou fazer xerox”. Estamos em meio a uma pandemia mundial, mesmo estando mais controlada, ela ainda existe, e, após tanto tempo em isolamento, cuidado com itens compartilhados, álcool em gel constantemente, prefiro acreditar que essa restrição à biblioteca da escola tenha sido uma medida adotada por segurança, e que, venha se flexibilizando ao longo do ano letivo.

Após ouvir de alguns estudantes que não gostavam muito de literatura questionei se, na possibilidade de entrarem na biblioteca, e, escolher o livro que quisessem, o interesse pela literatura aumentaria, e surpreendentemente a resposta foi positiva, todos os nove afirmaram que dessa forma pegariam livros, e assim, a escola vai perdendo leitores, por ainda ter uma cultura vazia de liberdade literária.

Enquanto o diálogo acontecia, uma das crianças relatou que a escola tem uma geloteca, e que os livros desse espaço podem ser manuseados por todos que tiverem interesse, perguntei à eles se alguém já havia pegado algum desses livros, três responderam que já haviam pegado um ou mais livros, outros não conhecem o interior da geloteca. Com o acesso à biblioteca restrito aos professores, perguntei se, ao menos, os livros da geladeira eram de livre acesso e se poderiam ser levados para casa, houve um breve debate entre as crianças, alguns falavam que sim, outros, afirmavam que só poderiam ser lidos na escola, por fim, não houve consenso entre as partes.

É possível observar uma falta muito grande em relação às informações da instituição, um dos estudantes que frequenta a escola a pouco tempo, ressaltou que não sabia onde era a biblioteca, a estrutura do prédio não é apresentada aos novos estudantes, coisa básica de um cotidiano escolar, e se esse educando precisar de algo? Como poderá se sentir pertencente ao lugar que instruirá sua educação por um tempo curto ou mesmo o formará?

Outro relatou sua experiência literária em outra instituição educacional: “Tinha uma escola onde eu estudava que era de livre e espontânea vontade, qualquer livro que tinha na biblioteca tu podia pegar, tinha computadores, informática, livros, tudo do alcance de qualquer aluno, só que aqui é diferente, aqui não pode”, a diferença entre instituições é grande, enquanto uma dá acesso, outra nega, enquanto uma incentiva, outra poda, e a função social da escola de tornar seus estudantes críticos reflexivos vai desaparecendo.

Abrir as portas de uma biblioteca é abrir as portas para a cultura, a reflexão, a construção de sujeitos críticos. É apoiar uma cultura quase inexistente atualmente, as crianças e jovens têm acesso ao celular constantemente na rua, em casa e também na escola, mas pouco contato com os livros. O papel da escola nesse contexto é determinante.

Sabe-se que “Os livros não duram para sempre, mas a relação que podemos ter com eles, a intimidade com o próprio objeto perdura e reedita-se em leituras futuras”. (CARVALHO, BAROUKH, 2018, p.40), limitar o seu manuseio não garante a preservação do livro por um longo tempo, visto que tudo envelhece, mas limitar o conhecimento que parte dele é limitar não só um leitor, mas à sociedade em que ele pertence.

Não se pode afirmar que, ao dar a liberdade de escolha de livros, o livre acesso à biblioteca torne todos os estudantes da instituição leitores assíduos, que iniciem a vida literária e ampliem seus repertórios, mas é dar oportunidade para os leitores já presentes na escola, para que não percam o interesse, que se sintam motivados e incentivados, e em seu círculo social possam incentivar outros leitores.

5.3 OS GÊNEROS LITERÁRIOS E AS CRIANÇAS

A literatura é um mundo de infinitas possibilidades. Os livros nos dão passaporte para milhares de lugares, nos fazem viver diferentes aventuras, situações, conhecer e criar uma imagem acerca dos personagens e lugares. Em cada gênero literário encontramos um pouco de nós, em cada estrutura textual passamos a conhecer a estética mais agradável a cada leitor, construindo assim uma identidade leitora.

Essa identidade leitora é construída a partir das leituras individuais de cada um. A entrevista buscou encontrar os principais gêneros literários dos estudantes leitores envolvidos, cada um foi relatando um pouco sobre suas experiências:

Estudante 1: “Eu gosto de ler livros sobre romance, aventura, comédia, fantasia, tudo o que for assim sobre o mundo que existe. Mas também gosto de ler fatos reais, que é uma coisa muito legal, gosto de ler sobre curiosidades, acho de fato uma coisa muito interessante.”

Estudante 2: Assim, eu, eu gosto bastante de anime então costumo ficar lendo Mangá³.

Estudante 3: (Não quis falar, pois não gosta de ler.)

Estudante 4: Eu gosto, gosto de ler livros também. Eu também tô lendo um livro que acho que é um pouco de terror, que é “Drácula: o vampiro da noite”. Tem outro que eu também vou ler que chama “Musanche”, que é a história do melhor espadachim.

Estudante 5: Pra mim eu prefiro mais, ler assim, filme de ação e comédia, pra me divertir um pouco assim.

Estudante 6: Eu gosto de terror, não gosto de mais nenhum outro, sou lunático de terror.

Estudante 7: Eu gosto de vários livros, me interessei mais por contos de fada. E eu gosto de filmes de romance, filmes de investigação, essas coisas assim.

Estudante 8: Eu gosto de vários filmes. Mas o que eu gosto de ler são livros de terror, ficção científica, ler livros de contos de fada também gosto, deixa eu ver, anime, mangá.

³ Histórias em quadrinhos de origem japonesa.

Estudante 9: Eu gosto de ler de comédia, de ação, de aventura e também aqueles de emoção, tipo, eu tô lendo um livro chamado “Juntos para sempre”, é de um cachorro (Crianças concordam ao fundo, fazendo observações sobre já terem lido ou assistido o filme.) Gosto também de assistir ao filme “As sete vidas de um cachorro”.

O estudante um, possui um repertório amplo acerca da literatura, aborda os gêneros textuais e comenta sobre com grande apropriação sobre o conteúdo, mesmo na hora da entrevista é possível notar até mesmo um vocabulário diferente aos demais estudantes. O estudante em questão é o que anteriormente relatou o livre acesso sobre a biblioteca da última escola em que estava, relatou ainda que lê vários livros ao longo dos meses: “Eu gosto de livro no papel, mas pra mim o que fica mais fácil é online, eu leio bastante, eu não tenho livros no físico mesmo, mas só nesse ano se eu não me engano desde o começo de janeiro eu li mais de três livros.”.

A literatura é muito mais que livros, é conteúdo, é a aprendizagem que tratamos até aqui, ela revela ao leitor uma infinidade de passagens por entre tempos, pensamentos e escritas, é nesse contexto em que novas palavras são inseridas ao vocabulário do leitor, quando novas reflexões surgem e se solidificam ou são postas à prova. E neste caso, a escola teve um papel importante, o de fornecer o livro físico, como o estudante mesmo relata, não é apenas a condição ao acesso, pois o mesmo trata sobre a leitura online, que é a mais fácil ao seu contexto, é sobre o incentivo gerado anteriormente que fez com que outras formas de manter o hábito sobre a leitura fossem encontradas.

Quando o estudante número dois relatou que lia Mangás várias crianças foram manifestando-se ao fundo, aparentemente esta literatura chama bastante atenção sob a faixa etária. Mangás são livros em quadrinhos orientais, seguem o mesmo padrão de escrita dos países nos quais é originado (Japão, China, Coréia, etc.), o livro inicia de trás pra frente, ou seja na estrutura do livro o final é o início da aventura, ao contrário dos países ocidentais é necessário lê-lo da esquerda para a direita, a quem não conhece esse tipo de literatura é difícil imaginar sua estrutura, seu primeiro contato causa estranheza, a coordenação motora é diferente e precisamos adaptar a mente para ler ao contrário do que aprendemos e estamos acostumados.

Entretanto, é um livro que traz conhecimento a respeito da cultura oriental, e neles é possível encontrar diversos gêneros literários como aventuras e ação. Os animes que as pessoas estão acostumadas a assistir, **Naruto**, **Cavaleiro do Zodíaco**, **Dragon Ball**, etc., tiveram sua origem em mangás, e, devido ao seu sucesso literário foram adaptados a séries, assim conquistando ainda mais espectadores, entretanto é comum que os leitores façam o caminho inverso à origem, iniciam assistindo e então, depois descobrem a literatura que está ligada à ele.

O estudante três relata que não gosta de ler, dessa forma apenas ficou ali, escutando tudo atentamente, cheguei a questionar talvez o motivo pela falta do apreço literário ser devido ao pouco acesso, ao pouco incentivo, mas a resposta soou silenciosa novamente, dessa forma segui com a pesquisa, mas fiquei tentando compreender qual era o motivo para o silêncio, da desmotivação por parte da leitura, será timidez, falta de interesse ou talvez o fato de nunca ser ouvido ou questionado sobre. Qualquer criança ali tinha total liberdade de sair da roda de conversa a qualquer momento, mas o estudante ainda estava ali, atento a tudo o que era dito, em silêncio.

O estudante quatro afirmou que gostava de ler, citou até alguns livros que estavam em sua lista atual, o livro que estava sendo lido por ele era **Drácula**, relatou que achava ser de terror, e que ao finalizá-lo iria começar a leitura de **Musashi**, para compreender um pouco mais sobre o segundo livro citado, o pesquisei na internet, ele faz parte de uma trilogia que conta a história real de um samurai japonês, criador de diversas técnicas de luta, ainda cultuadas no japão, além de samurai Musashi foi também escritor, tendo alguns livros publicados e muitos procurados na literatura oriental, e, aparentemente na ocidental.

O estudante cinco relata que gosta de ler, mas ao invés de falar sobre os livros preferiu contar sobre seus filmes preferidos, sendo assim, não é possível fazer uma análise precisa sobre seu gosto literário, ou se realmente gosta de literatura.

O estudante seis afirmou gostar apenas de livros de terror, disse que nada, além disso, lhe é interessante, algumas vezes ao longo da entrevista pude notar que não há um interesse tão grande por parte da literatura, quando seus colegas falavam sobre terem ganhado algum livro, brincava com frases do tipo “Que azar né?!”, se ele de fato gosta de ler ou não é uma incógnita.

O estudante sete aponta: “Eu gosto de vários livros, me interesso mais por contos de fada [...]”, isso demonstra que a literatura tradicional, de príncipes e princesas, dos contos maravilhosos ainda faz parte da infância e adolescência de alguns jovens e crianças. Não é tão comum nos depararmos com esses relatos, normalmente esses contos são substituídos por romances, que, possuem maior repertório literário e com variações de autores para autores, é importante cultivar esses leitores, apresentado à eles contos de fadas de outra origens, explorando e aprofundando-se sob essa leitura que fez parte da infância da maioria das crianças do mundo.

O oitavo estudante estava um pouco confuso sobre se preferia filmes ou livros, mas ao final relatou que os gêneros de terror e ficção científica são os que mais lhe agradam, alguns contos de fada também fazem parte de seu repertório literário assim como os mangás, fato interessante, que demonstra certa ecleticidade em relação a leituras.

O estudante nove, assim como o um e o quatro, relatou sobre os gêneros textuais que têm sua preferência, também é uma criança eclética em relação a literatura, gostando de circular entre comédia, ação, e emoção. Falou sobre o livro que está lendo atualmente chamado **Juntos para sempre**, que aborda a história de um cachorro. Este livro tem sua versão reconstruída em um filme, algumas crianças da roda de conversa mostraram reação ao ouvir sobre o livro.

O que se pode observar é a associação que os entrevistados fazem entre livros e cinema, livros e desenhos. Nesse ponto, dialogar sobre as literaturas é importante, os filmes contam uma história, claro, mas que leitor que já não se decepcionou ao ler o livro e esperar ansiosamente o filme? Os livros trazem a imensidão da imaginação, você cria cenários, personagens, o faz de conta de mente é de longe, melhor que muita produção fantasiosa dos cinemas.

E se a escola propor um debate entre grupo? Algumas crianças vão ler um livro que tenha sua versão cinematográfica, outro grupo assistirá ao filme, e, em algum momento destinado à troca de experiências comparar uma versão com a outra? As crianças têm uma visão muito próxima de ambas as coisas, demonstrar através de fatos e vivências as diferenças entre um ponto e outro pode ser importante para que compreendam o que é um momento de lazer, e o que é uma boa leitura.

O que é importante pôr em debate são os tipos de literatura que a escola oferece. Clássicos? Literatura de livros didáticos? Autores como Graciliano Ramos, Machado de Assis, entre tantos outros, são talvez o suporte que a escola utiliza. Clássicos da nossa literatura são excelentes, trazem amplo conhecimento cultural e linguístico, mas antes de apresentar esses clássicos que merecem ser apreciados precisamos tornar antes esses estudantes leitores.

A literatura que a escola impõe em sua grade curricular é importante e não pode deixar de ser trabalhada, mas até que o estudante se consolide leitor, é importante acrescentar a esse currículo temas e gêneros que mostrem o prazer que a literatura pode fornecer, e, aos poucos, colocando um referencial teórico que apresente essas literaturas “oficiais”.

Ao fazer um levantamento sobre as literaturas que mais são presentes nos repertórios dos estudantes, pode-se construir um planejamento que vá ao encontro desses interesses e, a partir disso trabalhar a literatura em sala de aula, não como conteúdo a ser vencido pela grade curricular, mas fazendo pesquisas e levantamentos sobre autores e obras que podem vir a interessar esses estudantes a ampliar seus repertórios literários.

5.4 MUDANÇAS ESTRUTURAIS NA ESCOLA: ENFRENTANDO O NOVO

As crianças com idade entre 9 e 12 anos passam por algumas transições corporais e psicológicas juntamente com a transição do ensino fundamental I para o II, no qual é necessário adaptar-se a uma nova realidade de ensino com aumento no número de professores e matérias. Pensando nisso, é importante visualizar essa transição não como um rompimento de uma fase, mas a continuação do que já é conhecido por ela, sem deixar de perceber a criança que ainda se adapta a esse novo ciclo.

Fornecer suporte para que essa transição ocorra de forma simplificada para as crianças é compreender as emoções de todos envolvidos no processo, isso também inclui os docentes. Como trazem Galvão e Dias-da-Silva (1997, p. 126, grifo do autor),

Quinta série é passagem. Porém, *passagem sem rito*... Parece que há apenas alertas sobre a transição, mas não há qualquer preparação prévia - quer para os alunos, quer para os professores. Passagem que se desnuda nos diferentes saberes e fazeres implicados no cotidiano de professoras “primárias” e “secundárias”, a 4ª e 5ª séries. Passagem sem ponte. *Mais ruptura que continuidade*...

A entrevista ocorreu nas primeiras semanas de aula, o novo sexto ano da escola estava descobrindo todas essas mudanças naquela mesma semana, conhecendo os professores de cada componente curricular, percebendo que agora ao invés de se preocupar em “passar de ano” em forma geral, precisariam se atentar a cada disciplina individualmente. Perceber todas as mudanças ocorridas nesse curto espaço de tempo é um misto de sensações, e conversar com eles nesse momento foi importante para compreender como estava sendo esses primeiros dias de aula.

Para iniciar nossa conversa sobre a transição, perguntei aos estudantes como era a relação deles com o/a professor/a do ano passado, eles se entreolhavam, pensando no que responderiam, até que um deles falou “Normal ué!”, então perguntei se era apenas um ou tinham mais professores no quinto ano, um deles disse: “Aham, uma só.”, outro não esqueceu da disciplina prática, “Na verdade, eu tinha dois, o de educação física também.” Todos iam concordando.

Questionei como foi chegar na sala e, em cada sineta o/a professor/a sair da sala e um novo/a entrar, não sendo mais possível ter apenas um, e sim vários. As respostas variaram bastante, alguns não transpareceram muita importância, mas, um deles comentou que: “Eu acho algo assim legal, bom, é algo que a gente na hora de aprender as coisas é meio complicado, por que é confuso, porque cada período entra um professor diferente, a gente não consegue meio que memorizar o rosto da pessoa e lembrar muito bem o nome, por ser muitas pessoas, durante

às aulas”. Entramos no contexto em que eles perdem o adulto que tinham como referência e dava a eles suporte.

O adulto referência é a figura em que a criança está no momento, uma figura em que ela pode se apoiar, transmitir inseguranças e dialogar sempre que necessário, é como suporte para situações cotidianas, o adulto referência na escola são os professores. No quinto ano do Ensino Fundamental as crianças têm apenas um professor e esse professor acompanha os desde o primeiro dia até o último dia de aula, o que não ocorre no sexto ano do ensino fundamental, cada disciplina tem um docente especializado, isso faz com que ao invés de um adulto referência a criança/pré-adolescente passe a ter até várias figuras de representação.

Assim como nos diversos períodos de troca de docente, é necessário que a criança troque também, de forma abrupta, o assunto e conteúdo que estava servindo de objeto de estudo. O que antes podia ser trabalhado de forma contínua e levando em conta o envolvimento dos alunos, hoje é separado pela sineta, como relatam Maria Helena Galvão e Frem Dias-da-Silva (1997, p.104),

Se no “primário”, o espaço para os alunos também é restrito (há também 40 alunos na sala!), a flexibilidade do tempo e permanência de uma única professora minimizam as consequências indesejáveis (como “indisciplina”, por exemplo). Já nas 5ª série, a rigidez no tempo de aula destinado a cada professor e a necessidade da troca de material a cada 50 minutos, invariavelmente, criam situações conflituosas e perturbadoras na consecução dos objetivos do professor,[...]. Objetivos centrados, sobretudo, no “andar com a matéria”, no ensinar ciências, matemática ou geografia. Objetivos que pressupõem a “base”, base também esperada na 4ª série, porém, com uma flexibilidade muito maior de tempo e de “conteúdos”: “Hoje não vamos fazer aula de português, porque vocês não estão entendendo o processo da divisão direito. Vamos ver outros exercícios...”. Uma situação que presenciei na 4ª série, quase impossível nas 5ª.

Após explicar de uma forma simplificada o que é um adulto referência e a relação ao que cada docente terá com as disciplinas, perguntei se foi tranquilo entender essa diferença, de passar de um a nove adultos referência, as respostas que foram surgindo revelam o quanto complexo é essa transição: "Mau", "Bom.", "meio a meio.", "É diferente!", "É difícil", "É confuso", considerando essas respostas é importante fazer com que esses estudantes sintam-se acolhidos para não se perderem em relação às novas práticas pedagógicas às quais estão sendo submetidos.

Uma das crianças fez o seguinte comentário: “A única professora da hora, até agora, é a de história”, em seguida as demais concordaram, o que nos faz pensar, qual foi a metodologia

utilizada por essa docente que fez com que essas crianças já interagissem e a reconhecessem em meio à tantos outros professores, logo na primeira semana? Dialogou? Ouviu? Construiu junto a eles? É possível que tenham sido muitos fatores que fizeram com que eles já a colocassem em um lugar significativo para a turma. É importante que se crie um vínculo afetivo com as crianças,

Entre amar a criança como substituto da impotência que tenho em promover seu desenvolvimento e sua cidadania, e tratá-la como um grande “sargentão”, pois o conteúdo e as tarefas que lhe apresento são garantias suficientes para seu bom rendimento escolar, creio existir uma posição intermediária, mais adequada e transformadora, mais educativa.

Assim, a demonstração de afeto presente num “parabéns”, escrito no caderno da criança; ou num “você ficou bem mais bonitinha com o cabelo cortado...”, dito ao longo da chamada; ou no “me conta o que aconteceu, que seu pai tá no hospital...”, dito no início da aula; ou mesmo uma boa gargalhada quando um aluno tem alguma tirada mais espirituosa; e principalmente, no “vamos ver porque você está com esta dificuldade...”, são inegavelmente atos pedagógicos de importância decisiva para o estabelecimento de vínculos pedagógicos entre professor e aluno. (GALVÃO, DIAS-DASILVA, 1997, p. 111)

A transição entre os anos é complexa, e precisa ser tratada de uma maneira simplificada pelos adultos que acompanham essa passagem. É preciso de muito diálogo e escuta para tornar esse processo mais leve, conversar sem apontar o certo ou o errado sendo fundamental para que essas crianças/pré-adolescentes sintam-se seguras e confiantes ao demonstrarem seus pontos de vista e/ou curiosidade sobre determinado assunto.

Como ressaltam Maria Helena Galvão e Frem Dias-da-Silva (1997) “Parece evidente que o que está em jogo na passagem das 4ª para as 5ª séries [hoje, 5 e 6 ano] é muito mais do que o número de professores ou de disciplinas. Estão em jogo fazeres diferentes. Estão implicados saberes diversos, objetivos distintos, intenções e crenças.” demonstrando assim a necessidade e importância de observar esse momento, para que não ocorra uma quebra no processo e considere-se a criança/jovem assim como a bagagem cultural que trazem consigo.

6 CONCLUSÃO

Desde os primórdios da humanidade o homem busca maneiras de se expressar, a literatura tem origem na contação de histórias, lendas e conhecimentos populares, repassados de geração em geração, e, só após algum tempo que se solidificam, ganhando uma forma desenhada e depois, a escrita. A Literatura surge como função social, ensinar, moldar e transmitir conhecimentos importantes. No mundo, aos poucos, vai conquistando seu lugar, vai aperfeiçoando-se, deixa de ser apenas transmissora de informações, ganha a forma prazerosa, a forma encantada e passa a ser cada vez mais expandida.

O surgimento da literatura trouxe cultura, conhecimento, histórias, prazeres e também decepções ao longo da história e de cada livro, a literatura permitiu a humanidade sonhar, fugir da realidade, mesmo que por pouco tempo, permitiu transmitir aos seus leitores emoções e de diferentes maneiras acabam fazendo parte de suas vidas. É na literatura que nosso desenvolvimento intelectual está diretamente ligado.

Há muito mais em um livro do que páginas e escritas, um livro comporta o conhecimento teórico, a reflexão de uma sociedade, a educação, a história, o amor, a raiva, a tragédia, a superação, a poesia, a solução. Um livro é a porta de entrada não apenas para o conhecimento do mundo, mas para o conhecimento de si.

A escola por sua vez é detentora de um forte poder, o de transformar, de conduzir suas crianças e jovens, mas conduzir para onde? As normativas nacionais e regionais que regulamentam e organizam conteúdos que, sugestivamente, devem aparecer no currículo escolar, apresentam falhas na categoria de literatura no quinto e sexto ano, o componente curricular não possui um lugar único para si nas categorias dos documentos, isso faz com que sua leitura seja confusa, podendo trazer confusão também em relação aos conteúdos quando trabalhados em sala.

A literatura não deve ser trabalhada como suporte de perguntas sem sentido, com função ortográfica e com cobranças e apresentações, que ao invés de tornar a leitura significativa para a criança ou jovem só trará preocupações acerca do contexto. Quando lemos um livro pelo seu conteúdo, pelo contexto, nos atentamos aos mínimos detalhes que não precisaram de perguntas para serem observadas e percebidas, lemos o todo, ao termos um roteiro de leitura, ficamos presos às perguntas norteadoras, o que fará com que fiquemos desatentos ao que realmente importa, a história.

Os estudantes precisam ser levados em conta em relação ao que se aborda dentro das salas de aula, livros de literatura precisam ser explorados, na forma material e intelectual. Não é errado debater o que foi lido, errado é cobrar que todos se sintam à vontade para fazê-lo. A liberdade de escolha também é um fator importante que deve ser sempre levado em conta, tanto na escolha do livro, do gênero quanto da vontade de falar sobre ele.

As bibliotecas escolares precisam estar sempre abertas para recepcionar esses estudantes, para que explorem diversos tipos de literatura, até que encontrem uma que seja significativa e se encaixe ao gosto pessoal de cada um. O acesso à cultura se dá através de livros, de bibliotecas, de metodologias e didáticas que formam o estudante para o mundo. A escola por sua vez tem todos esses materiais à sua disposição, mas pouco os utiliza. Como afirmar que a escola abre portas se as mesmas têm as portas fechadas à mim ainda estão trancadas às outras crianças, mesmo após sete anos longe dela sinto que muita coisa não mudou.

A literatura me fez perceber um mundo que eu não conhecia, mas esse mundo só foi apresentado à mim quando eu já estava saindo da escola, sem nenhuma instrução fui descobrir meus gêneros literários favoritos com quase dezoito anos de idade, comprei meu primeiro livro só após ingressar no ensino superior, de fato, a condição financeira é também fator determinante para o acesso aos livros, que não são baratos, mas que fazem a diferença em nossa vida.

Lembro-me da minha transição para o sexto ano, cheia de expectativas, escrever de caneta, ter um professor para cada disciplina, eu amava estudar, até que aos pouco o brilho foi sumindo aos meus olhos, o que faltou? Será que é o mesmo que se repete em relação ao estudante que não gostava de ler?

A importância de professores com uma escuta atenta é imensurável, muitas curiosidades passam pelas salas de aulas sem ao menos terem um pouco de importância, conteúdos são aprendidos de qualquer forma, concordo com a fala desse estudante, é preciso trabalhá-lo? Ok. será trabalhado, mas e quanto ao significado que isso tem na vida do educando?

Ler é uma obrigação? Um direito? Uma necessidade? Ou tudo junto?

O rito de passagem da infância à pré adolescência, envolve muitas mudanças, como as já tratadas anteriormente. Nesse momento os sentimentos estão à flor da pele, qualquer fala ou ação podem significar muitas coisas, ao mesmo tempo em que a sensibilidade se personifica, a rebeldia começa a se fazer presente também. As dúvidas e crises existenciais começam a sondar e fazer com que pareça que o mundo está virado do avesso, querer brincar e achar ser muito velho para isso, querer sair por aí sozinho e saber que é muito novo para isso, esta é uma fase realmente difícil, ficar por entre as fases é confuso, o que cabe a essa criança/pré-adolescente fazer?

A literatura tem diversas funções que podem contribuir com os conflitos gerados nessa fase da criança, através de literaturas infanto-juvenis associações podem ser feitas entre a vida real e a ficção, fazendo com que esses jovens não se sintam perdidos e diferentes do restante das pessoas, encontrando nos livros suporte para situações que muitas vezes não se sentem à vontade para expor as pessoas de seus convívios.

Conclui-se a partir desta produção, que a transição escolar do quinto para o sexto ano do ensino fundamental é complexa, aos docentes, pais e pessoas ligadas à essa faixa etária, indico um olhar e uma escuta sensível, para que possam perceber o misto de emoções e mudanças que essa fase comporta. É preciso ver a criança ainda presente neste pré-adolescente, com todas as suas confusões e sentimentos, a partir disso ser um suporte que é fundamental neste ciclo.

O professor pode também incentivar a literatura, retirar esses jovens de aparelhos eletrônicos, oportunizar experiências diversas, ler embaixo de uma árvore, ouvir uma história, todo dia se possível, dar liberdade para que essas crianças em transição se descubram na literatura, e que a partir de diálogos encontrem-se nos livros, que conheçam bibliotecas, que admirem cheiros, formas, páginas, letras e diferentes textos e estruturas.

Com o tempo aprendemos tudo o que precisamos, mas essa transição da vida é uma das mais importantes. Torná-la leve é algo simples de se proporcionar, mas é preciso escuta, observação, compreensão, sensibilidade, paciência, isso tudo não foi apenas dito por mim, mas por nove crianças que fizeram com que essa análise pudesse ser concluída, é sobre acolher as crianças e formar jovens, é sobre escutar e incentivar, percebê-las dentro da sociedade e dar a importância que merecem, a de escolher.

Que tenham mais livros, mais contos, mais poesia, mais aventura, mais amor, que tenha muita emoção, que tenha liberdade, que tenha importância, que se tenha sempre uma criança com um livro na mão, e um adulto com uma criança interior feliz, que as possibilidades possam ser sempre infinitas.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; CASTRO, M. G.. **Juventudes no Brasil: Vulnerabilidades negativas e positivas, desafiando enfoques de políticas públicas.** In: Seminário sobre Políticas de Juventudes - CEMJ, 2004, São Paulo. Anais do Seminário sobre Políticas de Juventudes - CEMJ, 2004.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC).** Brasília: MEC, 2017.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2010.

BAROUKH, J.A, CARVALHO, A.C. **Ler antes de saber ler: oito mitos escolares sobre a leitura literária.** 1.ed. São Paulo: Panda Books, 2018.

BELSKY, J. **Desenvolvimento humano: experienciando o ciclo de vida.** Trad. Daniel Bueno. Porto Alegre: Artmed, 2010

BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas.** 36. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018. Cap. 1.

CADEMARTORI, L. **O que é a literatura infantil.** 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 2010.

CAINELLI, M. R. **Entre continuidades e rupturas: uma investigação sobre o ensino e aprendizagem da História na transição do quinto para o sexto ano do Ensino Fundamental.** São Paulo: Moderna, 2011.

CAJADO, O. M. **Dinâmica da adolescência.** 2. ed. São Paulo: Cultrix, 1968.

CASSONI, C. **Transição escolar das crianças do 5º para o 6º ano do ensino fundamental.** 2017. Tese (Doutorado em Psicologia em Saúde e Desenvolvimento) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2018. doi:10.11606/T.59.2018.tde-27032018-092424. Acesso em: 01 ago. 2021.

COELHO, N.N. **Literatura infantil: teoria, análise, didática.** 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, N.N. **Panorama histórico da literatura infantil/ juvenil: das origens Indo-Européias ao Brasil Contemporâneo.** 4. ed. São Paulo: Editora Ática, 1991.

COLOMER, T. **Introdução à literatura infantil e juvenil atual.** 1. ed. São Paulo: Global, 2017, Cap. 3

CUNHA, M.A.A. **Literatura infantil: teoria e prática.** 17. ed. São Paulo: Editora Ática, 1998.

DIAS-DA-SILVA, M. H. G. F. **Passagem sem rito: As 5ª séries e seus professores.** Campinas, São Paulo: Papirus, 1997.

MARTINS, J .B. **Observação participante: uma abordagem metodológica para a psicologia escolar.** **Semina: Ci. Sociais/Humanas, Londrina, v. 17, n. 3, p. 266-273, set. 1996.**

PIAGET, J. **Psicologia e pedagogia**. 10. ed. Rio de Janeiro, 2010.

PETRINI, J. C.; CAVALCANTI, V. R. S. (org.). **Família, sociedade e subjetividade**: uma perspectiva multidisciplinar. Petrópolis: Vozes, 2005.

RIO GRANDE DO SUL. **Referencial Curricular Gaúcho**: Ensino Fundamental, v.1. Secretaria de Estado da Educação: Porto Alegre, 2018.

SERRANO, M.; HERMIDA, O. **Informe juventud en España 2000**. Madrid: Instituto de la juventud, 2001.

SOUZA, A.A.A. de. **Literatura infantil na escola**: a leitura em sala de aula. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.

WASELFISZ, I. (coord). **Relatório de desenvolvimento juvenil**. Brasília, DF.: UNESCO, 2004.

ZILBERMAN, R. **A literatura infantil na escola**. 10. ed. São Paulo: Global, 1998.